



# neps

Boletim Informativo

Núcleo de Estudos de População e Sociedade | Instituto de Ciências Sociais | U.M. | Guimarães | 20 | Julho de 2001

## EDITORIAL

### DEMOGRAFIA HISTÓRICA E CIÊNCIAS DA SAÚDE: UMA APROXIMAÇÃO NE-

CESSÁRIA

♦ Carlota Santos

### FALANDO DE

DEMOGRAFIA HISTÓRICA...

♦ Maria Norberta Amorim

### INVESTIGADOR APRESENTA-SE:

**José Manuel Lages**

♦ Elisabete Pinto

### APONTAMENTOS

DE INVESTIGAÇÃO:

**Guerra Colonial,  
uma história por contar!**

♦ José Manuel Lages

### ARGUMENTOS:

**Aspectos da cultura dos  
Ovimbundos**

♦ Luís Polanah

### NOTÍCIAS:

• NOVAS PUBLICAÇÕES:

♦ **Horizontes de Polanah,  
homenagem a  
Luís Polanah**

♦ **S. Martinho de Avidos:  
comunidade rural  
do Vale do Ave,  
de Odete Paiva**

♦ **Comunidade cristã de Vila  
Nova de Foz Côa,  
de Aida Carvalho**

• Tese defendida  
♦ Manuel Pinto

• Contrato plurianual  
com a FCT

**Plano de actividades- 2001**

s u m á r i o

## editorial

Carlota Santos

### Demografia Histórica e Ciências da Saúde: uma aproximação necessária

O momento histórico actual é marcado por debates e polémicas de interesse crucial, envolvendo o futuro de toda a humanidade e remetendo para um amplo leque de questões que conduzem inevitavelmente à problemática da expansão populacional global e à futura evolução das políticas da saúde.

Com efeito, as grandes transformações ocorridas ao longo dos últimos três séculos, tanto no que se refere à demografia mundial (síntese de muitas diversidades regionais e de um singular contraste entre os dois hemisférios) como no que toca às políticas de saúde adoptadas por Estados e, cada vez mais, por organizações de carácter internacional, desenharam um quadro planetário onde se acentuam as clivagens entre áreas de forte e fraco crescimento populacional, respectivamente influenciados por elevadas e baixas taxas de natalidade e, simultaneamente, por taxas de mortalidade que actuam no sentido inverso.

As pesquisas já realizadas no âmbito da Demografia Histórica, da História Económica e Social e da História da Medicina, revelaram que o arranque da melhoria do sistema de saúde nos países desenvolvidos coincidiu com a

fase de industrialização, momento a partir do qual se assiste ao declínio da taxa de mortalidade por doenças infecciosas, directamente relacionado com o aumento da resistência às infecções (devido à melhoria da alimentação e à imunização) e com a diminuição da exposição às infecções (determinada pelas medidas higiénicas publicamente adoptadas a partir do final do século XIX<sup>1</sup> e, em certa medida, pelos tratamentos introduzidos pela ciência médica).

Como pertinentemente refere Thomas McKeown<sup>2</sup>, a intervenção de outros factores teria igualmente contribuído para reforçar essa tendência. Assim, a regulação dos nascimentos surgiria no momento próprio, defendendo os progressos já obtidos dos efeitos negativos do aumento da população; no mesmo sentido, revelou-se fundamental a concomitância, e o relativamente curto prazo, da tomada de importantes decisões a nível da saúde pública (abastecimento de água e saneamento básico) e da educação (instrução obrigatória); a melhoria das condições económicas serviu obviamente de suporte a todos os progressos realizados no domínio da alimentação e da higiene.

## Demografia Histórica e Ciências da Saúde: uma aproximação necessária

Se excluirmos as patologias de ordem genética, onde o factor biológico é decisivo, o estado de saúde de uma população resulta, portanto, do equilíbrio dinâmico entre potencial genético individual, capacidade de adaptação humana ao ambiente e riscos resultantes das condições de vida, físicas e sociais.

\*\*\*\*\*

A análise da mortalidade e da fertilidade, variáveis determinantes no crescimento natural das populações, tem vindo a ser desenvolvida no seio do Núcleo de Estudos de População e Sociedade relativamente a um grupo já significativo de paróquias do Norte de Portugal e Açores, estendendo-se progressivamente essas investigações ao Centro e Sul do país o que permitirá, num futuro muito próximo, aceder a uma compreensão global dos comportamentos demográficos da população portuguesa do passado e à detecção das suas variações regionais. Neste sentido, parece ter sido alcançado um dos objectivos prioritários proposto por Norberta Amorim há pouco mais de uma década, visando alargar os primeiros resultados colhidos através da metodologia de reconstituição de paróquias<sup>3</sup> a zonas geográficas mais extensas que garantam a fiabilidade de uma análise demográfica comparativa à escala nacional. Este percurso assentou num esforço colectivo permanente, fundamentado no diálogo intedisiplinar entre investigadores especializados em diferentes ramos das ciências sociais que, ao focalizarem as suas abordagens sobre aspectos de índole sociológica, antropológica ou geográfica permitiram entrever novas possibilidades de exploração das bases de dados

informatizadas e colocar uma pluralidade de questões que penetram a rede de interacções causais subjacente à análise demográfica.

Acreditamos, no entanto, que é chegado o momento de privilegiar um novo espaço de comunicação científica, activando as ligações da Demografia Histórica com as ciências da saúde e com outras áreas das ciências sociais que tradicionalmente lhes são mais afins, como a História Social da Medicina, a Antropologia da Saúde, a Genética das Populações e a Biodemografia. Nesta perspectiva, e assumindo-se o conceito de estado de saúde como categoria de análise emergente da interrelação entre o biológico e o social<sup>4</sup>, essa transusão de conhecimentos aparece como inevitável, prometendo fazer avançar os estudos demográficos para o terreno da causalidade.

O recurso, por exemplo, a fontes de carácter sanitário como as que vêm sendo manuseadas pela Epidemiologia Histórica<sup>5</sup>, apresenta-se de particular interesse para o estudo da mortalidade das populações do passado já que contribuirá, seguramente, para uma mais profunda compreensão da natureza das crises demográficas que caracterizam o Antigo Regime, permitindo eventualmente determinar os seus limites espaciais e a sua extensão geográfica.

O estreitamento do diálogo com os biodemógrafos revela-se igualmente da maior importância, abrindo o caminho a uma troca de experiências complementares uma vez que o estudo dos processos microevolutivos dos grupos humanos, objecto da Biodemografia, privilegia a perspectiva biológica projectando uma nova luz sobre os mecanismos

que condicionam a evolução das populações ao longo do tempo e sobre fenómenos como a morbili-dade e a mortalidade.

Estes são apenas alguns dos aspectos onde a colaboração disciplinar entre investigadores do NEPS e de outras universidades da Península Ibérica é já uma realidade. Na mesma via, desejamos que as temáticas de futuras pesquisas possam suscitar novas aproximações às ciências da saúde em geral, de forma a sedimentar os resultados já obtidos e a tornar mais efectivo e global o conhecimento da demografia e da história da população portuguesa.

<sup>1</sup> Cf. GOUBERT, Jean-Pierre, *La conquête de l'eau*, Paris, Éditions Robert Laffont, 1986

<sup>2</sup> Cf. McKEOWN, Thomas, *Los orígenes de las enfermedades humanas*, Barcelona, Crítica, 1990

<sup>3</sup> Cf. AMORIM, Maria Norberta, "Uma metodologia de Reconstituição de Paróquias desenvolvida sobre registos portugueses" in *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XI-1, Madrid, 1991

<sup>4</sup> Cf. HUERTAS, Rafael, *Neoliberalismo y políticas de salud*, Madrid, El Viejo Topo/Fundación de Investigaciones Marxistas

<sup>5</sup> Cf. BERNABEU MESTRE, Josep, *Enfermedad y población: Introducción a los problemas y métodos de la epidemiología histórica*, Valencia, Seminari d'Estudis sobre la Ciència, 1995

As fontes da Demografia Histórica familiarizam-nos com nomes, datas, assinaturas, mas também com espaços, lugares, ruas, quintas, por vezes, casas. A partir dessa informação nominal cruzada, montamos bases de dados paroquiais, de famílias e indivíduos, em encadeamento genealógico, analisamos comportamentos demográficos em longa duração, avançamos para estudos de reprodução social, difundimos genealogias sistemáticas. Percorrer os séculos, identificando as sucessivas gerações que se sucederam num espaço paroquial, até atingir o tempo presente, cai dentro dos nossos objectivos. As referências residenciais ajudam-nos na identificação dos sujeitos históricos, mas rara e dificilmente trabalhamos no terreno concreto que é hoje feição dessas paróquias. No entanto, pela sua ligação ao tempo das gerações desaparecidas, ao percorrermos as ruas ou lugares de uma comunidade estudada, não deixamos de sentir o fascínio do património imóvel que venceu os séculos, degradado ou conservado. Não deixamos de pensar que nessas casas, no interior das suas paredes, desmornadas ou sustentadas, se foi reproduzindo o fenómeno da Vida, do Amor e da Morte. A história social do património imóvel, particularmente a história de velhas habitações, fascina o historiador das populações como fascinará ao arqueólogo ou ao arquitecto a sua feição material.

Embora identificando até aos nossos dias sucessivas gerações de uma determinada comunidade e reconhecendo as casas que venceram os séculos, nem sempre é fácil relacionar a gente desaparecida com as habitações que persistem. Essa tarefa, a desenvolver-se sistematicamente, exige um moroso trabalho de ter-



reno com informantes de larga memória, exige informações do registo predial, e/ou o recurso a listas históricas de residentes convenientemente cruzadas com as bases de dados genealógicas.

Sobre a freguesia das Ribeiras do Pico procurei identificar casas de hoje com gentes do passado, beneficiando de um trabalho de terreno, infelizmente ainda incipiente (as minhas passagens pela comunidade são necessariamente de curtíssima duração), de listas de habitantes e de informações do registo civil, tendo como pano de fundo a paróquia reconstituída.

Uma primeira lista de habitantes sobre a freguesia, datada de 1838, decorreu de determinação do governo liberal mas foi elaborada pelo pároco e não inclui referência à distribuição por lugar nem por residência. Está ordenada por fogos (referindo-se cada fogo a uma família obrigada aos direitos paroquiais), em percurso sistemático de oriente para ocidente. Na ausência de identificação da propriedade imobiliária pelo registo predial, só em casos muito particulares de continuidade da mesma família numa mesma residência ou nos casos da localização no início ou fim da freguesia pode haver segurança na relação entre uma determinada casa que desafiou os séculos e as gerações que nela se sucederam.

Uma lista de 1925 refere-se

apenas à nova paróquia de Santa Cruz, desdobrada da de Santa Bárbara em 1916 (o desdobramento deu-se apenas a nível paroquial e não civil) e embora ordenada por fogos, identifica os quatro principais lugares da nova paróquia e mesmo alguns arruamentos e liga por uma chaveta os fogos que se referem a uma mesma residência. Neste caso, a memória dos residentes pode permitir-nos com facilidade a relação pretendida.

Irei debruçar-me aqui sobre uma casa da zona conhecida por Quatro Cantos, fronteira à baía do porto de Santa Cruz, hoje propriedade de uma amiga minha, solteira, a professora aposentada Rosa Almerinda Gaspar da Silveira. Rosa Almerinda tem residência em Ponta Delgada, onde leccionou, e onde passa os invernos, na proximidade da irmã mais nova, sua única familiar próxima que vive nos Açores: A casa de Santa Cruz é a sua residência de verão onde eventualmente acolhe em férias um irmão ou sobrinhos que vivem na América ou a irmã referida e os filhos desta que vivem no *Continente*.

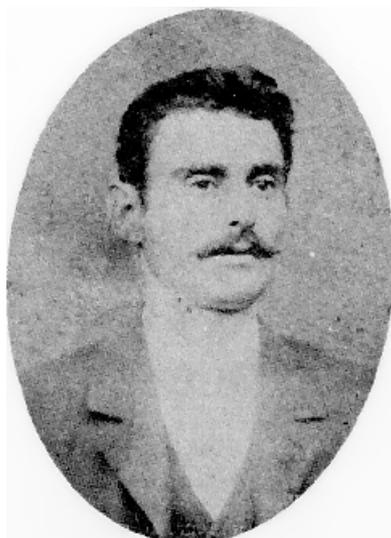
Em 1925 encontramos nessa casa dois casais de gerações diferentes referidos a dois fogos, fogos esses que aparecem no rol unidos por uma chaveta, a indicar que constituíam uma unidade residencial. O casal mais idoso era constituído por José de Macedo Gaspar, marítimo, então de 51 anos, e por sua mulher, Maria da Glória Soares, de 44 anos. O casal novo era formado por Manuel Homem da Silveira, carpinteiro, de 31 anos, e por Maria da Glória Gaspar, de 22 anos, filha do casal anterior. O casamento de Manuel Homem da Silveira e de Maria da Glória Gaspar realizara-se em 12 de Maio de 1924 e o primeiro filho, José

Gaspar da Silveira, nasceria em 16 de Março de 1925. Nasceriam depois mais seis filhos: Manuel Homem da Silveira Jr., em 20 de Dezembro de 1926, Maria Dulcinea Gaspar da Silveira, em 20 de Julho de 1929, Elvino Gaspar da Silveira, em 7 de Agosto de 1933, Rosa Almerinda Gaspar da Silveira, em 11 de Setembro de 1935, António Homem da Silveira, em 15 de Agosto de 1940 e Maria da Glória Gaspar da Silveira, nascida em 13 de Julho de 1943.

À data da morte de José de Macedo Gaspar, em 22 de Julho de 1946, a casa abrigava 11 pessoas. Não pode deixar de parecer estranho que esta bonita casa de família pertença hoje a uma filha solteira que a usa como residência secundária e que nenhum dos seus seis irmãos, todos com acesso ao casamento, tenha tido necessidade de a habitar de forma definitiva. De facto, como aconteceria a grande parte da população das Ribeiras, a procura de uma vida menos dura conduziu às saídas da freguesia e enquanto os destinos da emigração se acabaram por impor aos filhos mais velhos, o curso de professora primária foi acessível às duas filhas mais novas.

O primeiro filho, José Gaspar da Silveira, que aprendera tanto as artes do mar como as lidas da terra, saiu depois do serviço militar para a Ilha Terceira para se empregar na base americana do aeroporto das Lajes. Casou com uma mulher da freguesia do Topo da ilha de S. Jorge, e nos anos sessenta, mas precisamente em 1967, emigrou para os Estados Unidos, onde veio a falecer. Tinha à data da emigração 42 anos.

Manuel Homem da Silveira Jr., também marítimo, pastor e agricultor, casou aos 26 anos com Josefina Ferreira Goulart, natural dos Estados Unidos da América, mas com raízes nas Ribeiras, se-



Mestre José Gaspar

guindo pouco depois para a Califórnia, sem deixar de manter uma relação afectiva forte com aqueles que ficavam. Hoje é falecido.

Maria Dulcinea Gaspar casou aos 23 anos com António Machado Medina, baleeiro quando o vigia dava sinal de baleia no largo mar fronteiro, mas também dono de um pequeno comércio. Aos 39 anos Maria Dulcinea foi para os Estados Unidos com o marido e dois filhos, com carta de chamada do irmão Manuel, como aconteceu no caso do irmão José. É hoje também falecida.

Elvino Gaspar da Silveira, tal como os seus irmãos, trabalhou no mar e em terra, pescando, cavando e tratando de gado. Cumpriu o serviço militar e ficou na tropa mais quatro anos. Voltou a Santa Cruz, foi pescador de atum, decidindo-se depois por concorrer para a polícia de segurança pública e foi colocado no Faial. No final dos anos sessenta, chamado, como todos os outros, pelo irmão Manuel, emigrou com a família para os Estados Unidos, onde reside.

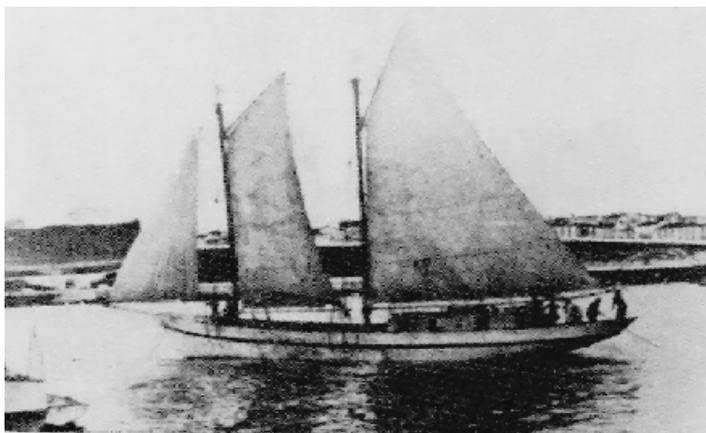
Rosa Almerinda aos 24 anos foi estudar para o Faial, cumprindo em três anos a escolaridade de cinco anos do primeiro e segundo ciclos do Liceu. Ingressou depois na Escola do Magistério

Primário, onde se formou. Sua irmã, Maria da Glória, dois anos mais tarde, seguir-lhe-ia o exemplo. A reduzida população escolar do distrito da Horta impelia para fora os professores formados nesta cidade. S. Miguel era o destino habitual, havendo no distrito de Ponta Delgada muitas crianças em idade escolar e uma maior dificuldade relativa de formação de professores. Maria da Glória casou e teve três filhos, hoje residentes no Continente.

O outro irmão, António Homem da Silveira iniciou-se nas fainas da pesca, como no trabalho do campo, foi pescador de atum, foi polícia, empregado na Capitania do Porto da Horta, depois foi para a ilha das Flores, mas acabou por emigrar em 1972 com a família para os Estados Unidos da América, mais uma vez com carta de chamada do irmão Manuel. Aí faleceu.

Os percursos dos filhos de Manuel Homem da Silveira e de Maria da Glória Gaspar espelham um destino comum das gerações nascidas em Santa Cruz das Ribeiras entre a segunda e a quinta décadas do século XX. Com as saídas habituais para a América cortadas nos anos vinte, as gerações masculinas passaram a infância e juventude entre a terra e o mar, aprendendo a tirar deste riqueza, pescando peixe miúdo ou de fundo para consumir e vender, integrando a tripulação dos atuneiros numa ou mais campanhas ou, em alternativa, mantendo-se disponíveis para a caça à baleia. Em terra aprendiam a cavar, a plantar, a semear, por vezes a podar, mas também a cuidar do gado, a ordenhar as vacas. Ter uma casa farta exigia o esforço de todos, homens e mulheres. Acarretar água e lenha, cozer o bolo, fazer o caldo, limpar a casa, lavar a roupa, *governar* e escalar o peixe para secar e vender, tratar das gali-

nhas e do porco, seriam actividades femininas necessárias, mas a muitas moças era reservado algum tempo para aprender costura, bordados e rendas, finas rendas cuja arte essa geração ainda não desaprendeu. A escolaridade secundária não se colocava ainda no horizonte, dadas as dificuldades económicas e a ausência na ilha de escolas secundárias. No



“Andorinha”

entanto, algumas mulheres dessa geração, em idade mais tardia, conseguiram tirar o curso do Magistério Primário na Horta, à custa de grande vontade e esforço. Muito mais raramente os rapazes atingiram uma escolaridade secundária. O serviço militar com caderneta limpa e depois a procura de uma colocação como polícia ou guarda fiscal, ou então na base da Terceira eram formas de fugir à duríssima vida do mar e do campo. Nos finais dos anos cinquenta e nas duas décadas seguintes o êxodo para os Estados Unidos e Canadá foi impressionante, afectando todas as idades. Hoje as Ribeiras como todo a ilha, têm uma população envelhecida, das mais envelhecidas dos Açores. A caça à baleia é fenómeno do passado, a pesca do atum entrou em crise, a criação de gado só afecta algumas famílias. Na *ponte*, junto ao cais de Santa Cruz, numa antiga casa de botes de uma companhia beleira, um passante curioso pode sentar-se facilmente ao lado de velhos marítimos e ouvir histórias reais que soam a lenda.

Certamente um desses velhos marítimos não deixará de falar de Mestre José Gaspar, o dono da casa dos Quatro Cantos, o homem que melhor sabia olhar o céu e prever a evolução dos ventos e o estado do mar, conduzindo o

*Andorinha*, o seu elegante veleiro, a um bom porto entre ilhas. O Padre Norberto Pacheco na sua monografia sobre a *Freguesia das Ribeiras. Pico* (1983), reserva a Mestre José Gaspar referência especial. Conta que um dia “se encontrava Mestre José Gaspar com o seu barco *Andorinha* no porto da Horta, para sair no dia seguinte. A certa altura, diz ao contra-mestre: chama o pessoal, manda amarrar as espias, pregar as escotilhas e vamo-nos safar para terra enquanto é tempo. A tripulação, ao receber esta notícia, entreolhou-se espantada, pois o tempo estava bom. Mas, cumprida a ordem, lá se foram para terra. Passadas que foram duas horas, tremendo temporal se abateu sobre a ilha, afundando algumas embarcações no porto da Horta e destruindo outras. O *Andorinha* manteve-se firme, pois estava preparado para enfrentar o temporal”. Outras vezes, já idoso, olhando o céu da sua janela terá salvo de naufrágio embarcações preparadas para partir ao prever em calma a chegada de tempestades.

José de Macedo Gaspar nasceu em 10 de Julho de 1876 e era o terceiro filho por ordem de nascimento de José Francisco Gaspar, marítimo, e de Maria de Simas, casal que viria a ter oito filhos. Era neto materno de outro marítimo, Manuel Francisco

Gaspar e de Josefa Isabel. Os avós maternos eram José de Macedo Pereira e Umbelina Rosa, pequenos proprietários ligados à terra. José de Macedo Gaspar casara em 12 de Maio de 1902, aos 25 anos, quando Maria da Glória tinha 23 anos, mas apenas lhes nasceu a filha que encontramos residente em 1925. Começou jovem na vida do mar, como pescador de fundo e

como baleeiro. Em 1914 mandou construir o *Andorinha* com planta traçada pelos mestres da Aguada, famosos construtores de barcos e canoas baleeiras da mesma freguesia das Ribeiras. O *Andorinha* aportou com passageiros e mercadorias a todas as ilhas dos Açores, trouxe de Santa Maria talhões, alguidares e barro bruto, louça almagrada de S. Miguel, telha da Graciosa, levou peixe seco, vinho e queijos do Pico. No início dos anos quarenta, quando a velhice o foi dominando, Mestre José Gaspar vendeu o *Andorinha*, ao qual já adaptara um motor. Seu genro, Manuel Homem da Silveira, era o único filho sobrevivente de outro marítimo, António Homem da Silveira e de Rosa Jacinta, do mesmo lugar de Santa Cruz, mas aprendeu o ofício de carpinteiro, embora não deixasse de ter ligação ao mar. Foi maquinista do *Andorinha*, mas não substituiu o sogro como mestre. Após a venda do barco foi maquinista das lanchas que faziam o transporte entre o porto da Horta, no Faial, e o fronteiro porto da Madalena, no Pico. O encontro com a família só ao fim de semana. Era preciso ganhar algum dinheiro, investir em terras para manter a fatura da casa quando os filhos iam crescendo e as exigências do dia a dia aumentavam. A procura de soluções novas entre a terra e o mar, numa sucessiva adap-

## Horizontes de Polanah

Ao comemorar 80 anos de vida, o Professor Luís António Domingues Polanah foi homenageado com a publicação de um livro que revela a sua faceta artística. Muitos poemas, algumas cartas e variados trabalhos de pintura e desenho podem ser apreciados nesta obra idealizada por Maria de Jesus Mesquita.

Nascido a 21 de Junho de 1921, no Chinde, em Moçambique, o notável antropólogo e membro da Direcção do NEPS “**no sangue, no temperamento e na filosofia de vida o encontro harmonioso de três raças – branca, o avô materno; - negra, a avó materna; - amarela/hindu, do pai; três continentes – Europa, África e Ásia, tendo como denominador comum o continente africano. Também teve três casamentos com mulheres muito diferentes, apesar de serem todas oriundas do continente africano**”, realça a autora.

Professor Jubilado da Universidade do Minho, Domingues Polanah já editou três livros resultado do trabalho científico que tem desenvolvido: «O Nhamussoro e as outras funções mágico-religiosas», tese de licenciatura, apenas publicada em 1987; «Comunidades camponesas no Parque Nacional da Peneda-Gerês», em 1981; e «Campeiros de Sayago. Estrutura social y representaciones simbólicas de una comunidad rural», tese de doutoramento, em 1996.

Com uma trajetória académica ímpar, este membro do NEPS por várias vezes foi distinguido publicamente. Em 1966, recebeu o 1º Prémio de Literatura Colonial «Frei João dos Santos», do Ministério do Ultramar. Precisamente, trinta anos depois, em 1996, foi agraciado com o prémio de investigação cultural «Marqués de



Lozoya» pela Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales do Ministerio de Educación y Cultura pelo trabalho apresentado para a obtenção do grau de doutoramento.

A recente publicação do livro “Horizontes de Polanah” oferece uma perspectiva pouco conhecida do antropólogo, evidenciando as suas qualidades literárias, a capacidade reflexiva sobre os desafios da vida e o apreço pelas Belas Artes, curso que chegou a frequentar, mas que resolveu abandonar para se dedicar à Antropologia. •

## falando de demografia histórica...

Maria Norberta Amorim

tação a tempos novos não foi exclusiva da geração dos seus filhos. Desde o final do século XIX que a caça à baleia, a pesca de peixe do fundo na Terceira e Graciosa, a salga do peixe e a sua venda na Madalena e Faial, o transporte de mercadorias e passageiros entre as nove ilhas dos Açores, a emigração para os Estados Unidos (a emigração para o Brasil decaiu nos anos setenta do século XIX) se apresentaram como alternativas às dificuldades de uma terra carente de pão.

No registo predial referente à freguesia é referido Luís Soares de Oliveira, residente na cidade de Angra na Ilha Terceira, como primeiro proprietário da casa que é hoje de Rosa Almerinda Gaspar da Silveira. Não o identificamos nos registos paroquiais das Ribeiras e admitimos que se tratasse de um homem de negócios.

O segundo proprietário conhecido foi Manuel Soares de Ma-

tos, que admitimos ser Manuel nascido em 3 de Janeiro de 1839, filho do sargento Francisco Vieira da Rosa e de Catarina de Jesus, proprietários, de Santa Cruz. Embora não disponhamos de nenhum registo seu posterior ao do nascimento, o facto dos irmãos usarem o apelido Matos e haver continuidade familiar na mesma casa, leva-nos a aceitar como correcta a identificação. Manuel Soares de Matos seria possivelmente emigrante, mas não o identificamos nos registos de passaporte conhecidos.

O terceiro proprietário da casa foi José Soares de Oliveira, cunhado do anterior, natural da freguesia de Santo Amaro, da mesma ilha, casado com Isabel da Conceição, nascida em 25 de Junho de 1855, filha mais nova do sargento Francisco Vieira da Rosa e de Catarina de Jesus. José Soares de Oliveira e sua mulher teriam oito filhos, dois falecidos na

infância, ausentando-se os restantes da freguesia. As filhas Maria Soares Vieira e Amélia Liduína Medina, aparecem sucessivamente como proprietárias da casa. A primeira foi para os Estados Unidos solteira, com 18 anos, em Março de 1906. A segunda casou aos 22 anos com José Machado Medina e conhecemo-lhes um registo de passaporte de Maio de 1924. Admitimos que a casa tivesse sido comprada *de boca* pela família de Mestre José Gaspar em 1924 ou mesmo em data anterior, mas o registo de propriedade que se segue só data de 1962, altura em que Manuel Homem da Silveira, pai da actual proprietária, a regista em seu nome.

Muitas outras casas, ricas ou pobres, poderão permitir-nos um dia um olhar mais atento sobre a história das comunidades que estudamos... •



**NOME:** *José Manuel Gonçalves da Silva Lages*

**IDADE:** *47 anos*

**NATURALIDADE:** *Braga*

**ACTIVIDADE PROFISSIONAL:** *Professor do Ensino Secundário*

## Afecto à guerra colonial e à história da religião

José Manuel Lages é um investigador dividido, incansável na procura de respostas para preencher o vazio que atinge o conhecimento em domínios bastante diversos da História. Obteve o grau de Mestre em História da Colonização e Migrações Portugal-Brasil com uma tese dedicada à história social e religiosa – *A Confraria de Nossa Senhora do Carmo de Lemenhe, a sua influência no vale do Este e o papel dos Brasileiros* – mas as suas pesquisas tocam a história contemporânea, sobretudo, os temas relacionados com a guerra colonial.

Este apego ao estudo do passado surgiu muito cedo e começou a dar frutos logo que terminou a Licenciatura em História, na Universidade do Porto, em 1980. “A investigação sempre me fascinou e os meus projectos de docência sempre procuraram privilegiar essa vertente. O envolvimento dos alunos em trabalhos de pesquisa contribui para aumentar a motivação”, considera o investigador que assim tenta conquistar novos adeptos para o conhecimento da História Local.

Na qualidade de docente, esta postura resulta da vontade de “não cristalizar”. Pela experiência adquirida ao longo dos anos, José Manuel Lages confessa que “o grande perigo do professor é virar-se apenas para a parte pedagógica do ensino”, assinalando que essa componente obrigatória não deve ser exclusiva. “Há muitos professores que gostam da investigação, o que só favorece o ensino, apesar dos sacrifícios a que esse afecto muitas vezes obriga”.

Reconhecendo que sempre teve a tendência de procurar ir mais além através das pesquisas que efectua, o investigador revela múltiplos interesses temáticos, desde as questões religiosas à problemática da emigração, passando pela guerra colonial, pela antropologia, pela valorização da oralidade.

Nesta altura, pondera a realização de uma tese de doutoramento subordinada ao tema da guerra colonial. Não tem medo do desafio, antes pelo contrário sabe muito bem aquilo que quer, mas a diversidade de domínios em que se tem movimentado levam-no a

“balançar”. De qualquer modo, “o plano de investigação está feito”. Por isso adivinha-se o desenvolvimento dos trabalhos já iniciados há 12 anos. José Manuel Lages foi um dos primeiros investigadores portugueses a interessar-se pelas questões relacionadas com a guerra colonial, tendo apresentado já diversas comunicações em congressos e seminários. À responsabilidade tem “todos os tomos Associação dos Deficientes das Forças Armadas”, sendo o responsável científico pelo Museu da Guerra Colonial de Vila Nova de Famalicão e sócio fundador. Com tamanho investimento realizado no estudo da problemática da guerra colonial, o investigador “gostava de não deixar cair esta vertente” e produzir um trabalho científico de maior alcance. É aquilo que, certamente, também espera a comunidade científica e aqueles que “a bem da Nação” foram encaminhados para outras paragens, numa viagem que nalguns casos não teve retorno e noutros deixou feridas que os anos nunca conseguirão curar. •

## apontamentos de investigação

José Manuel Lages

### Guerra Colonial, uma história por contar!

#### O itinerário do combatente português na guerra colonial.

##### 1. INTRODUÇÃO

O tema em si é um marco da nossa história recente que foi e continua a ser “tabu” como resultado de ter ocorrido recentemente, pelo facto dos intervenientes serem muitos deles vivos e de haver “reservas” no que

toca às fontes oficiais que por essa razão não estão disponíveis de acordo com as necessidades que os investigadores desejariam.

A guerra colonial portuguesa foi a última guerra das várias que Portugal teve desde a sua fundação e durou 13 anos.

Esta teve várias consequências no âmbito político, social e económico. Mas para além destas consequências a que chamamos “macro-estratégias”, teve outras consequências reais, humanas, individuais, materializadas e focalizadas em todos aqueles que participaram nesta guerra,

## Guerra Colonial, uma história por contar! O itinerário do combatente português na guerra colonial.

não por vontade própria, nem por consciência política (no caso do nosso estudo), mas pelo cumprimento de um dever cívico, na qualidade de cidadão deste país, refiro-me ao combatente em geral e ao soldado em particular e ainda ao miliciano da guerra colonial.

Os números são significativos, embora enfermem de precariedade, pois dia a dia, eles alteram-se e vão-nos dando a ideia de que vão demorar vários anos para obtermos os verdadeiros números e dados acerca desta guerra.

No entanto sabemos que entre 1961 a 1974 participaram neste conflito cerca de um milhão e cem mil jovens na franja etária dos vinte anos, o que quer dizer que 90% dos jovens nesta referida idade, entre 1961 e 1974, foram mobilizados para a guerra.

Desta extensa participação começamos por contabilizar 8.831 mortos como resultantes de combate, doenças e acidentes, estimando hoje este número em cerca de 10.000 mil<sup>1</sup>, sendo resultado de 8.290 mortos no exército, 346 na Força Aérea e 185 na

Marinha. Refira-se, ainda que 3.455 faleceram em Angola, 3136 em Moçambique e 2.240 na Guiné.<sup>2</sup>

Convém referir que nestes totais de mortos estão integrados os combatentes europeus e nativos (africanos) que faziam parte do exército português.

Destacamos ainda os milhares de feridos que resultaram deste conflito e que nos deixaram cerca de 23 mil deficientes de guerra, sendo vivos, neste momento, cerca de 13 mil. Número este que continua a ser provisório pois, além daqueles que “morrem” há contactos e novas inscrições de ex-combatentes nas várias Delegações da ADF, instituição



que representa, agrega, cuida e defende o deficiente de guerra.

Interessa referir ainda uma outra causa de deficiência de guerra que mortifica milhares de combatentes, refiro-me ao “stress de guerra” que deixou as mazelas do foro íntimo, as marcas psicológicas, que vivem com o combatente e que este revive entre 15 a 20 anos após Ter estado e participado no palco da guerra, criando-lhe desajustamentos:

Sociais no meio onde vive sendo conotado como o tolinho, o coitadinho ou o alcoólico.

Familiares, com problemas graves com as mulheres e os filhos;

Profissionais, criando instabilidades que o levam ao não desempenho capaz de uma profissão e por tal levando-o ao desemprego.

Estima-se, em analogia com os números para igual efeito com a guerra do Vietname em cerca de 340 mil o número de stressados da “nossa guerra”<sup>3</sup>, que no nosso entender, a curto prazo, vai atingir números muito mais elevados.

Que informação, que história feita?

Que ensinamos?

Será que estes indicadores não são só por si suficientes para es-

tudarmos e divulgarmos este período a que se referem?

Apesar dos estudos publicados, em termos de autobiografias, poesia, romance, ficção, história e relatórios de consequências, pouco tem sido realizado e mesmo assim assiste-se, nesta temática, a contornos cinzentos no nosso panorama de investigação.

No entanto verificamos haver nos últimos tempos uma viragem para novos estudos e consequente divulgação. Nota-se que os órgãos de comunicação abordam o tema sem receios coisa que faz alguns anos era de “esconder” pois eram assuntos muito delicados e mexiam com muita coisa.

Neste sentido, vemos actualmente que há editores e jornais a publicar obras, estudos e crónicas. A título de exemplo podemos referir no romance e poesia da guerra Manuel alegre, José Manuel Mendes, Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Lobo Antunes, Wanda Ramos, Álvaro Guerra, Domingos Lobo, Carlos Vale Ferraz, José Freire Antunes, Salgueiro Maia, David Martelo, Eugénio Lisboa, José Cardoso Pires e tantos outros com destaque para a obra de Rui Teixeira “A guerra colonial e o romance português”<sup>4</sup> e ainda alguns escritores e investigadores regionais que desenvolvem os seus estudos e escritos nas áreas do romance, ficção, crónica e estudos históricos como é o caso do romancista e ficcionista minhoto Jaime Ferreri.

### QUAL O PAPEL DA ESCOLA?

Nas escolas o principal instrumento é o trabalho desenvolvido na disciplina de História e no que diz respeito ao seu manual temos que tecer as seguintes referências:

-O manual não permite forne-

## Guerra Colonial, uma história por contar! O itinerário do combatente português na guerra colonial.

cer conhecimentos sobre este acontecimento e época da nossa história.

-O manual, no contexto das épocas e dos contextos históricos a estudar, resume-se a uma ligeira abordagem de um pequeno texto e algumas imagens que se situam, normalmente no final do manual. Assim, por este meio, os alunos têm pouca informação histórica sobre o tema e pelo contrário julgam que guerras importantes tiveram-nas outras nações como foi o caso dos estados Unidos e a sua guerra no Vietname ou então aquelas divulgadas pelos “media” devido à abundância de filmes de “rambos” e “platoons” passados, constantemente no cinemas e televisões.

Por outro lado, notamos alguns indicadores positivos:

-As escolas e os professores, de ano para ano, tentam suprir estas lacunas relacionadas com a falta de recursos disponíveis sobre o tema e a ausência de informação dos manuais multiplicando as acções pedagógicas com os alunos e assistimos com muito agrado aos muitos trabalhos escolares elaborados e expostos sobre o 25 de Abril e a guerra colonial.

-A dinamização de colóquios sobre a guerra colonial, com a



participação de muitas turmas e alunos, numa atitude de curiosidade histórica e de respeito levando-os a colocar este tema no lugar que deve ocupar e é por isso que assistimos, nos últimos anos, ao mudar de postura e por conseguinte ao aumentar dos conhecimentos sobre esta época da nossa história.

***O nosso projecto Regional ou Comarcal, “Guerra colonial, uma história por contar”.***

***-Uma perspectiva de investigação e de fazer história.***

Em 1987 tentámos conceber um modelo que permitisse envolver um grupo de alunos, motivando-os para o conhecimento de um período da nossa história, a guerra colonial, que coexistia com eles nas localidades de residência mas que ignoravam.

Assim, em 1989 iniciámos um trabalho de formação metodológico na área do trabalho de projecto baseando-o na metodologia da história oral que assentava no trabalhar as fontes através do depoimento, da entrevista e do inquérito.

O campo de acção era óptimo e incidia e incide na região do Minho, localizando-o em freguesias dos concelhos de Vila Nova de Famalicão, Braga e Barcelos, essencialmente rurais, de forte demografia, de baixa alfabetização, com uma cultura e educação fortemente influenciada pela educação religiosa da Igreja Católica, região que acima de tudo contribuiu com muitos soldados para a guerra, tal como outras regiões do Norte português especialmente Trás os Montes e as Beiras.

O elemento de destaque neste estudo é o soldado embora não possamos esquecer os muitos milicianos sargentos e oficiais.

Este soldado profundamente rural, o “Soldadó” descrito por Carlos Vale Ferraz, vai participar nesta guerra, que o retira do seu trabalho de serviçal, de vida de agruras, indo para outra “província” e devido a esse facto é-lhe proporcionada a primeira viagem de barco e sair da região. Obtém várias roupas novas (fardas) e calçado, tem acesso a três refeições diárias, tem banho de água quente e em muitos casos a “tropa” permitiu-lhe concluir a 4ª classe, levando-o como disse, para uma guerra, para um local onde se falava a mesma língua, a mesma religião, onde havia muitos produtos do local de origem, muitos residentes originários da sua província, que encobriam a realidade e a finalidade para a qual foi levado: a guerra. Só tomou consciência quando teve que enfrentar a sobrevivência no palco da operacionalidade: “superar o medo perante a morte e o perigo permanentes”. É este jovem mobilizado para a guerra que permaneceu em África de 24 a 26 meses, o objecto do nosso estudo com a intenção de fazer a história da guerra colonial na perspectiva do soldado, do oficial e sargento milicianos que nela participaram por imperativos cívicos e nacionais.

Assim, surgiram os primeiros indicadores dos estudos regionais que têm permitido a comparação e discussão dos mesmos sempre que foram apresentados publicamente.

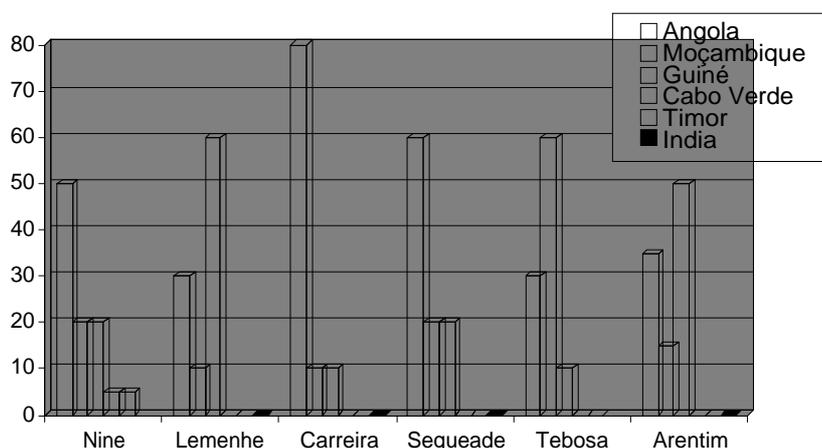
Um dos aspectos que apresentamos é a mobilização por freguesias. Defendemos que a mobilização não se fazia por critérios de integração mecanográfica mas sim por “manchas” regionais integrando os jovens soldados de determinadas freguesias prioritariamente para uma dada colónia como podemos observar a título de exemplo com as freguesias de

## Guerra Colonial, uma história por contar! O itinerário do combatente português na guerra colonial.

Nine e Lemenhe do Concelho de Vila Nova de Famalicão, Tebosa e Arentim do Concelho de Braga e S. Miguel da Carreira e Sequeade do Concelho de Barcelos.

batentes desta região minhota. Concluímos rapidamente que a maioria integrava-se no exército com a especialidade de atirador seguindo as seguintes por ordem

### MOBILIZAÇÃO DOS CONCELHOS DE BARCELOS, BRAGA E VILA NOVA DE FAMALICÃO



FONTE: Lages, José Manuel, *Guerra Colonial uma história por contar*, 1992, V. N. de Famalicão

Julgamos que esta estratégia tinha a ver com a tentativa de manter os grupos de combatentes mais coesos, com identidades, afinidades afectivas e culturais comuns de forma a que permitissem manter estes jovens com capacidades para a luta, para o isolamento e saudade e para o sacrifício e o desespero.

Outro aspecto que refutamos de interesse é verificar quais as especialidades “típicas” dos com-



decrecente: condutores auto, engenharia militar, transmissões, maqueiros, padeiros, cozinheiros, amanuenses e escriturários

Esta participação como atirador vem justificar o elevado número de mortos no distrito de Braga (cerca de 1000) bem como os feridos que são expressos número actual de deficientes existentes na Associação de deficientes das Forças Armadas Delegação de Vila Nova de Famalicão com cerca de um milhar dos 13 mil ainda vivos dos 20 mil que resultaram desta guerra.<sup>5</sup>

Estudamos nas freguesias os vários factores de “stress” nos combatentes. Estes estavam relacionados, numa primeira abordagem, com a condição da vida militar, com a fadiga de uma guerra, com a permanente exposição ao combate e ao medo de ser ferido ou morto. Será conveniente referir que concordamos com a opinião e as conclusões apresentadas pelo Dr. Afonso Al-

buquerque no que respeita aos factores apontados bem como na identificação das principais causas de stress “PTSD” detectadas no nosso estudo:<sup>6</sup>

- Ausência de inimigo
- Massacres e assassinatos
- Guerra sem fim à vista
- Território conquistado sempre precário
- Clima e topografia tropicais
- Recurso a medicamentos, álcool e drogas
- Período de duração da comissão
- Morte de camaradas
- Combates e missões
- Emboscadas, minas, ataques aos aquartelamentos
- Feridos e mortos
- Sede e fome
- Isolamento
- Acidentes
- Assassínio de camaradas
- Tratar de cadáveres
- Prisão
- Ser contra a guerra

Outros dos aspectos que afeiramos no nosso estudo foram as características psico-patológicas evidentes nos combatentes tendo em conta os antecedentes pessoais e o início do sintoma, o respectivo curso da doença, o grau de incapacidade e a patologia associada.

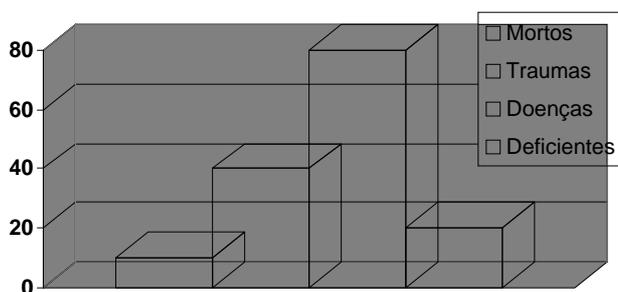
Concluímos que aquelas que provocam uma longevidade diminuída e que são a principal causa de morte são as doenças cardiovasculares e hepáticas (cirrose).<sup>7</sup> No entanto salientamos outras que cada vez mais são frequentes:

- depressão
- cefaleias
- pânico e fobias
- álcool e drogas
- doenças do foro digestivo
- doenças tropicais
- doenças de pele
- hipertensão arterial
- doenças sexuais
- algias atípicas

## Guerra Colonial, uma história por contar! O itinerário do combatente português na guerra colonial.

-zumbidos  
-diabetes  
-doença das coronárias.

Atentemos ao gráfico com dados totais sobre marcas deixadas pela guerra recolhidos em 90 combatentes do concelho de Vila Nova de Famalicão:



FONTE: Lages, José Manuel, *Guerra Colonial uma história por contar*, 1992, V. N. de Famalicão

Concluimos pois que na indicada amostragem no total de combatentes não há um único combatente que tenha voltado da guerra sem uma “marca” que transportará consigo toda a vida e que por si só justificam o facto de estudarmos este período da nossa história recente e façamos a respectiva divulgação.

Tentámos referir, a título de exemplo, algumas áreas de estudo que desenvolvemos na nossa região não esquecendo de referir as outras que figuram no nosso trabalho e que têm sido objecto de investigação. Salientamos o trabalho de recolha, preservação, estudo e divulgação do chamado “Baú da Guerra” que nos permite trabalhar tudo o que o combatente guardou (até hoje) da sua passagem pela guerra: Documentos, filmes, fotografias, diários, objectos, correspondência, armamento, fardamento, troféus da guerra e bibliografia. Podemos ver alguns documentos que figuraram no “Baú da Guerra” e fazem parte do património do Museu da guerra colonial.

### MUSEU DA GUERRA COLONIAL -UMA REALIDADE NACIONAL EM VILA NOVA DE FAMILIÇÃO

Surgiu como resultado de um protocolo entre a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas e o Externato Infante D. Henrique de Ruilhe – Braga. As três entidades têm um trabalho de cooperação desde o início dos anos noventa no sentido de desenvolver estudos sobre a guerra colonial no Distrito de Braga e

em especial no Concelho de Vila Nova de Famalicão. Deste projecto resultaram vários estudos e uma exposição a que se chamou “Guerra Colonial, uma história por contar”. Esta tem percorrido o país e esteve presente em vários congressos. Em 1999 concretizou-se o velho anseio de criar o Museu da Guerra colonial em Vila Nova de Famalicão sob a responsabilidade das entidades já referidas, tendo a sua sede nas instalações da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, na Central de camionagem, onde está patente ao público a exposição “O itinerário do combatente português na Guerra Colonial”. Aqui poder-se-á viajar nos



“vários palcos da guerra” através de imagens, textos, documentos e objectos bem como contactar com as muitas fontes existentes sobre esta época da nossa história.

Para além da vertente indicada pretende-se que este Museu sirva de motivação e envolvimento dos alunos e outros interessados no estudo deste período.

Sirva para preservar e divulgar os documentos, os materiais e estudos mais significativos.

Sirva para organizar todos os materiais, documentos e registos com incidência nos estudos e levantamentos realizados.

Sirva para criar um centro de documentação e de estudos da Guerra Colonial no Museu.

Sirva de espaço permanente e de memória colectiva de um povo que revê no “itinerário do combatente” aí exposto as respostas a tantas dúvidas e incompreensões para com a geração dos jovens que viveram entre 1961 e 1974. •

- 1 Dados fornecidos pela Associação dos Deficientes das Forças Armadas.
- 2 Castro, Sousa, 2000, Jornadas Internacionais do Hospital Principal, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa.
- 3 Albuquerque, Afonso, números apontados por este prestigiado psiquiatra, especialista no tratamento do stress de guerra, utilizando a terapia de grupo, no Hospital Júlio de Matos de Lisboa.
- 4 Teixeira, Rui de Azevedo, 1998, *A guerra colonial e o romance português*, Lisboa, Notícias Editorial.
- 5 Dados obtidos nos arquivos da ADF – Associação dos Deficientes das Forças Armadas.
- 6 Albuquerque, Afonso, Jornadas Internacionais do Hospital Militar Principal do Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, Lisboa.
- 7 Salientamos como mais uma causa de morte o elevado número de suicídios de ex-combatentes. A idade média destas manifestações das doenças e desequilíbrios apontados situa-se entre os 45 aos 50 anos

## Aspectos da Cultura dos Ovimbundos no Andulo (Bié, ANGOLA), em 1972

O quadro regional é no Andulo, província do Bié, da actual Republica de Angola, mas os factos datam do ano de 1971-72, quando ali prestei serviço incorporado na equipa de desenvolvimento rural conhecida sob a sigla de ERA (Missão de Extensão Rural de Angola Retiro estas notas do povo pertencente ao grande grupo dos Ovimbundos, de um extenso artigo que publiquei, na revista "Reordenamento, nº 27, de 1973, da Junta Provincial de Povoamento.

Durante a recolha de dados (sempre incompletos) para cativar a confiança dos meus informantes, foi preciso dizer (e era verdade) que o interesse "oficial" sobre aspectos dos seus usos e costumes permitiria o Estado articular harmoniosamente a psicologia africana com os imperativos de progresso em que tardiamente parecia debater-se a política colonial. Neste texto introduzi cortes e alterações, sem ferir o essencial dos factos.

Escrevia eu então: "Há um certo receio generalizado entre os nativos para revelarem aspectos que ainda sobrevivem no sistema de vida tradicional, nomeadamente os que sempre foram objecto de rejeição moral e religiosa por parte das instituições coloniais. Um receio que mais se acentuou depois que os movimentos de subversão patriótica mostraram ter-se apoiado em práticas iniciáticas dirigidas pelos seus feiticeiros-curandeiros, cujos poderes supra-naturais deviam poder fazer frente ao opressor branco. Os mestres destes poderes, que escaparam de ser eliminados pelas autoridades territoriais, haviam passado á clandestinidade e os que sabiam da sua existência guardavam o maior sigilo, talvez porque a sua extinção poderia constituir o mais trágico desfecho para a sobrevi-



vência das suas crenças e instituições tradicionais.

A crença em determinados valores e mitos condicionava ainda o comportamento dos membros da comunidade observada, tal como, aliás, entre os europeus.

Todos os Negros se reconheciam como partes integrantes dum sistema de vida e deviam, por isso, manifestar a sua lealdade ao corpo de princípios e crenças que sustentava a identidade do grupo. Esta necessidade de corresponder às expectativas de comportamento que cada membro esperava do outro dependia da forma como as pessoas eram criadas e haviam adquirido uma compreensão do mundo e dos homens, com as respostas adequadas para as suas duvidas e perplexidades.

O feiticeiro-curandeiro e o adivinho (como até mesmo o bruxo) eram peças imprescindíveis do seu sistema de crenças e dos valores com que avaliavam os factos da vida entre os humanos e com a natureza ambiente. Destruí-los era fazer desmoronar mitos e dogmas, numa palavra entidades-instituições, reduzindo a

escombros toda uma filosofia de vida em que o destino do homem costumava ser explicado.

O desenvolvimento gradual do meio rural (ou camponês) com a introdução de novos processos de trabalho, necessidade de mais instrução, os contactos com os centros mais evoluídos e o processo de articulação dos interesses das partes envolvidas, com a racionalização da vida e dos seus interesses, abriam caminho a um trânsito paulatino das tradicionais organizações clánicas e familiares para outros tipos de **relações baseados no associativismo e na valoração também da iniciativa individual!**

Com estas considerações poderá entender-se melhor alguns aspectos da tradição indígena. Pretendeu-se saber, por exemplo, se os jovens se preocupavam em conhecer a historia e os mitos do seu povo ou a origem e linhagem da sua família (ou epata). Complementarmente, também se indagou se os "anciãos" (olosekulu, os portadores de sabedoria) forcejavam por assegurar a preservação das suas tradições, transmitindo o conhecimento do seu passado histórico e mítico, o nome dos seus heróis e fundadores, as suas crenças, os seus deuses, os valores morais com que alimentavam os seus ideais de vida, etc.

As respostas recolhidas, umas reticentes, ou aparentando ignorância dos factos, embora variáveis, mostravam sentimentos e atitudes que ainda pulsavam no meio camponês, de onde haveria sempre lições a reter.

Não obstante se ter ficado com a sensação de que o apego aos valores do seu passado tribal ou clânico parecia ser ténue, não havia uma ruptura profunda entre as novas e velhas gerações por motivos que passo de lado. A desorganização do tecido so-

## Aspectos da Cultura dos Ovimbundos no Andulo (Bié, ANGOLA), em 1972

cial era mais ditada pela interferência

abusiva dos interesses da economia colonial do que por desencanto moral das populações a respeito dos seus padrões éticos. Basta que se saiba que, no plano popular, havia ainda determinadas sobrevivências que o nativo parecia não ter medo de exhibir ante o olhar sempre inquisitivo das autoridades administrativas e religiosas.

O lugar consagrado à reunião para tomar a refeição e seroar, saber dos acontecimentos do dia, traçar planos de acção ou, simplesmente, rememorar tradições e crenças, a conduta eticamente correcta, ou divagar através da narração de mitos, fábulas, ou factos históricos do grupo, etc., era o chamado jango ou django. Nele comiam os homens com os seus filhos mais crescidos; em lugar, à parte e fora do recinto, as mulheres com os seus filhos menores. À noite, os homens juntavam-se para o serão; as crianças aconchegavam-se aos adultos e escutavam as suas conversas; as mulheres, terminadas as tarefas domésticas, também se juntavam, sentadas do lado de

fora, mas participando nas conversas.

O serão no jango era, enfim, uma pausa no tempo que distraía e servia para ensinar e reestruturar crenças, valores e saberes, tornando “sempre presente um passado recheado de experiências e sabedoria vividas”. Era, pois, nesta escola informal, disciplinadora e pacífica, bafejada pelo ambiente familiar, que os jovens adolescentes se imbuíam de noções morais e um pouco da história das famílias do seu grupo, aprendendo assim as regras de convivência social tanto com a família como com os estranhos.

Quando chegava o tempo da evamba, os rapazes adolescentes eram submetidos aos ritos da puberdade, para uma formação moral que se orientava para uma rotura com a sua infância e gradual conscientização da vida adulta e suas responsabilidades.

Para as raparigas, quando tinham a primeira menstruação (menarca) também se submetiam a um conjunto de ritos a que chamavam ussô. As duas práticas diferentes nos seus métodos e conteúdos reintegravam os dois sexos nos respectivos grupos sexuais com o status de adultos ou de pessoas iniciadas para assumirem os competentes papéis da sua condição de adultos.

Eram práticas que nada tinham de transcendente, mas que, imbuídas de um peso obrigatório, se tornavam muito importantes para as relações dos adolescentes com o respectivo grupo. A maturidade do indivíduo não ficava completa com as cerimónias a que os jovens eram submetidos, mas estes ficavam compenetrados de que, dali por diante, a sua conduta deveria pautar-se pelos exemplos positivos dos membros respeitáveis (adultos e velhos) da sua aldeia ou família.

Não de todo diferente dos civilizados, os Andulos classificavam a posição e responsabilidade civil dos seus membros segundo o sexo e a idade avaliada pelo seu desenvolvimento físico e os anos decorridos desde o seu nascimento.

Por esta forma, do indivíduo chegava-se à complexa rede familiar com as suas categorias de parentesco perfeitamente identificadas.

Contra estas práticas tradicionais, seus ritos e simbolismos, estavam, em geral, as autoridades civis e religiosas que interpretavam os seus imperativos

morais e culturais como causas do seu atraso no plano da civilização. Já por esse tempo havia quem se interrogasse para que serviria combater costumes ancestrais em nome da civilização, se a transformação do indivíduo não lhe garantia apoio e acesso livre na sociedade do colono.

Outros tinham a percepção de que a conduta do indígena cristão excedia, muitas vezes, em decência e moral à de muitos colonos; mas estes estavam protegidos pelo seu estatuto de “civilizados e civilizadores”, ao passo que aqueles continuavam indígenas e conotados com o primitivismo selvagem!

Dentre alguns dos aspectos tradicionais da vida do povo Andulo quero destacar a “dança dos mascarados” (assim referidas pelos colonos), diversão que costumava atrair muitas famílias de colonos que viviam na região, não só pelo seu exotismo folclórico, mas porque o vazio da vida no mato convidava a ir ver o que faziam os Negros. Nesses momentos abriam-se espaços de aproximação e tolerância ante costumes e crenças que, por diferentes, não eram inferiores ou selvagens (como por vezes se dizia), mas apenas porque a sua evolução tomara rumo diferente ou estagnara, fixos a outros símbolos e critérios de vida moral e social que o europeu não estava preparado para compreender, tomando-se a si próprio como paradigma do esforço civilizador!

O rito dos rapazes (a evamba) resumia-se naqueles anos quase à simples circuncisão. Muitos, na impossibilidade de recorrerem ao otchimbanda (o especialista que procedia ao corte do prepúcio e dirigia a evamba), por residirem em aldeias com postos de saúde ao seu alcance eram orientados pelas autoridades administrativas para ali se fazer a circunci-

## Aspectos da Cultura dos Ovimbundos no Andulo (Bié, ANGOLA), em 1972

são dos seus filhos. A segurança com que se fazia a pequena operação anulava o risco de infecções, mas uma parte do simbolismo e mistério que envolviam o rito iniciático perdia-se. O corte do prepúcio tinha também o forte simbolismo de representar a separação da criança da estrita dependência feminina,

fazendo-a transitar para o grupo dos adultos junto dos quais aprenderia a comportar-se com as responsabilidades da sua nova condição.

Posto que em franco declínio, a iniciação ritual das mulheres, tanto como a dos rapazes, possuía também certas representações com danças e máscaras, em que a pantomina se combinava com o fantasmagoria, a histeria com o assombro. Desse contexto tradicional tanto os rapazes como as raparigas

tinham ainda por costume exibir “danças de mascarados”, como compreensivelmente se referia naquela região. As das raparigas eram designadas por caviúlas e dos rapazes, por ovinganji. Em alguns lugares dos concelhos de Andulo e de Nharêa ainda se podia assistir a essas manifestações da cultura nativa. Constava que a proximidade de agências missionárias, hostis a tudo quanto soasse ao diabolismo das máscaras, fazia o povo retraindo-se, ao passo que onde apenas estivesse presente a autoridade administrativa, esta tinha uma atitude mais complacente com essas “pantominas dos negros”!

Umás vezes, nas suas aldeias, outras mesmo nas imediações das povoações comerciais, atraindo a curiosidade dos vizinhos colonos, costumavam exibir-se os ovinganji, algo deslocados, talvez, da antiga atmosfera mágico-religiosa, não só para divertir o povo (brancos e negros), como

também, aproveitando a tolerância das autoridades, para se divertirem e prosseguir a rotina dum velho tradição... Havia ocasiões em que o missionário católico demonstrava complacência com tais “danças dos mascarados”, mas alguns pastores protestantes de origem africana, pelo contrario, condenavam a sua existência nas zonas sob sua catequese, limitando-se a dizer que “a não ser lá mais para o interior onde a civilização ainda não chegou”! O que não deixava de ser verdade! Mas onde tais danças de mascarados se exibiam havia bonequeiros habilidosos que, em figurinhas graciosamente talhadas e pintadas com tintas de verniz, reproduziam muitos desses modelos de mascarados como produtos de uma arte popular que não era aproveitada para fins turísticos.

O colono, por influência da moral missionária, traduzia os termos ovinganji e caviúla por “palhaços”, expressão com certa **carga pejorativa** que menoscabava valores morais dum cultura diferente!

O que outrora tivera (e teria ainda) um carácter misterioso tendia então a tomar o sentido dum diversão banal que alguns adultos alienados, descrentes ou hipocritamente descrentes do quadro moral herdado, não hesitavam em declarar o seu repúdio para satisfação do proselitismo missionário. A imagem dos ovinganji era correntemente referida como uma pantomina de palhaços à maneira dos indígenas. Até podia ser e o colono ter ali uma oportunidade de reconstituir os primórdios das suas paródias com máscaras.

Mas, de facto, não se tratava de “palhaços”, no sentido que habitualmente lhe damos. Era preciso entender que “os mascarados”, (em sua essência cul-

tural) não deviam ser tomados como seres terrenos, mas visões de um mundo transcendente que só podia ganhar visibilidade através das fantasias do homem. A sua faceta jocosa ou assustadora não lhe retirava o carácter “sobrenatural” que o mistério de que se fazia rodear lhe impunha. Porque transcendiam a nossa precária condição humana considerava-se um sacrilégio conhecer a identidade de quem as vestia nesses dias, embora nos dias comuns pudessem as máscaras ser vistas de perto.

A “máscara” possuía aquele que a envergava, emprestando-lhe nome e identidade diferentes. Quem sob a máscara servia de suporte ao espírito só podia ser conhecido pela confraria dos mascarados (dos ovinganji). A máscara era, em si, “uma outro ser”, com personalidade própria e parte importante dos valores morais do grupo.

Os trajes dos mascarados eram elaborados de materiais vários:- ráfia, folhas, cascas de árvores espadeladas, máscaras, pinturas, etc. Poucos eram

já os indivíduos capazes de descrever a importância dessas figuras fantasmagóricas, mas altamente significativas dos valores morais e lúdicos da comunidade.

Para os estranhos e para os jovens não iniciados o mistério das máscaras não devia ser revelado a ninguém. Os primeiros, por não pertencerem à órbita cultural do grupo ovimbundu; os segundos, porque deviam aguardar que chegasse o tempo de serem iniciados nos mistérios do seu povo, através da evamba. As máscaras eram visões irreais fora do nosso mundo quotidiano, pertencentes a um outro plano da existência e, por isso, assombravam, ao mesmo tempo, que suscitavam curiosidade e divertiam...

Entre as danças conhecidas

## Aspectos da Cultura dos Ovimbundos no Andulo (Bié, ANGOLA), em 1972

dos ovinganji havia umas, como a do xinganji e a caviúla que podiam ser dançadas pelo povo em qualquer altura -nas festividades de casamento e nos dias em que um morto era velado, etc.

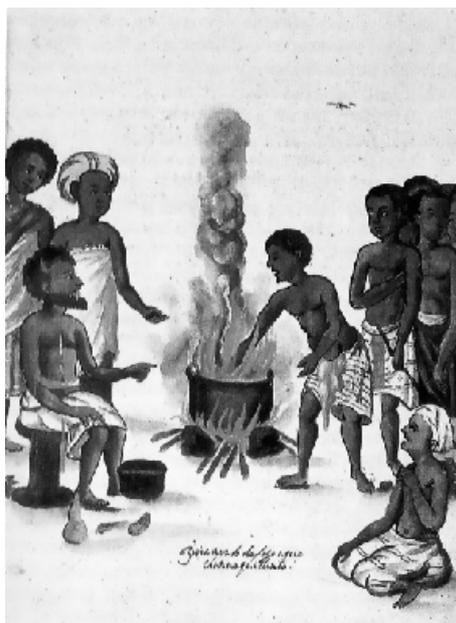
Gozavam de uma larga utilização cerimonial e lúdica, e faziam também parte de um conjunto de rituais cujo caracter esotérico não era revelado ao comum das gentes.

Os mascarados (ovinganji) faziam a sua aparição quando a tarde declinava.

Rodeado pelo povo estavam os tocadores de tambores tradicionais, que iniciavam os primeiros toques preparando o compasso das danças. De um moitado ou mata surgiam os ovinganji, que dançavam bastante afastados dum publico curioso. Entre aqueles e estes podiam separar mais de cem metros.

Somente os ovilombola, os que já haviam sido iniciados noutro período, poderiam aproximar-se deles. Todavia, era raro que o fizessem para não quebrar a emoção dos espectadores. A distância era respeitada por todos; qualquer tentativa curiosa da multidão de espectadores faria os dançarinos sumir no mato. À medida que a tarde declinava, o grupo dos ovinganji aproximava-se mais do publico que seguia interessado o espectáculo.

Os “espíritos” (assim deviam ser tomados os ovinganji) são atraídos pelos ritmos tirados dos tambores. Dançando sempre à distância não mostram, contudo, os pés. Causam a ilusão de que ou não os possuem, ou não estão pousados sobre o solo, mas pairam no ar. Se o capim é raso, levantam uma pequena barreira com ramos de árvores, mas se é suficientemente alto, dispensam esse recurso. As vestes que envergam, preferentemente de malha bem ajustada às pernas, devem também terminar por uma espécie de perneira de ráfia, ata-



da acima dos tornozelos, para que as pegadas no chão sejam automaticamente varridas, enquanto dançam. Os ovinganji devem ser tomados -repito- como entes saídos de um mundo diferente (não terreno) e não podem deixar, por isso, qualquer rasto semelhante ao da condição humana, que não podiam ter!

Nada de imoral havia nestas representações duma cultura, talvez, não tão diferente da portuguesa, como se pode presumir...Mas que, à semelhança desta, tinha suas formas peculiares de representar as suas crenças e fantasias, seus mitos e ilusões sob outras formas de expressão também dependentes dos recursos disponíveis...

Tempos houve, mais tranquilos, em que as autoridades convocavam estas danças e outras distrações do folclore nativo, para quebrar a pasmeira da vida do colono no mato, ainda que não fosse muito do agrado dos professos do Cristianismo missionário! Hoje, (em 1972) as atitudes entrechocam-se e a perplexidade tomou conta de todos: uns por radicalismo e intolerância religiosa não aceitam nos “seus domínios” tais manifesta-

ções; outros, aconselhados a serem mais tolerantes, fecham os olhos e é assim que, de onde em onde, ainda se podem ver pequenos surtos do folclore nativo, mas já como arremedos de tradições que se desmoronam!

É claro que o Negro sabia muito bem que os ovinganji eram uma farsa, no melhor sentido da palavra; mas não uma impostura. Apenas uma simulação terrena do que podia existir noutro plano da existência apenas alcançável através dos nossos sonhos, visões ou delírios. Não se tratava dum logro contra o povo! Os ovinganji representavam materializações do seres espirituais (geradas por ideias, imagens ou sonhos) que, sendo irreais, não deixam de ser factos, portanto, existenciais, capazes de tomar forma através dum suporte humano.

No entendimento dos doutos mestres nativos esses delírios da imaginação (no sentido criativo que um civilizado atribui aos seus génios criadores na arte, literatura, teatro e até no plano da santidade e do misticismo) são manifestações que emanam de outras esferas do universo, porventura ditadas por deidades que influenciam as nossas decisões e sentimentos...

Se, de um lado, o colono português interpretava a farsa dos ovinganji, com as suas exóticas máscaras, como brincadeiras ou pantomimas de selvagens, a população negra por seu lado, tinha ali um sinal de como seres e entidades invisíveis, de outros planos do universo espiritual, podiam tomar forma e vir conviver com o ser humano, em especial com seres humanos que pertenciam à sua cadeia familiar. Talvez com um mesmo proto-sentimento dramático das emoções do civilizado quando este vai ao teatro e escuta a opera “Carmen”, ou assiste a uma peça de Shakespeare, etc. •

## Contrato plurianual com a FCT Plano de actividades para 2001

### A- PROJECTO ESPAÇOS RURAIS E URBANOS

Em 2001, as actividades do NEPS prendem-se com o lançamento do projecto-base intitulado *ESPAÇOS RURAIS E URBANOS. Micro-análise de comportamentos demográficos e transferências de população, mobilidade social e dinâmicas culturais (Séculos XVI à Contemporaneidade)*, financiado durante os próximos três anos pelo Programa SAPIENS da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

No projecto em causa participam investigadores de outras Unidades da Universidade do Minho e de outras Universidades e estão contempladas acções de acompanhamento de dissertações de mestrado e doutoramento.

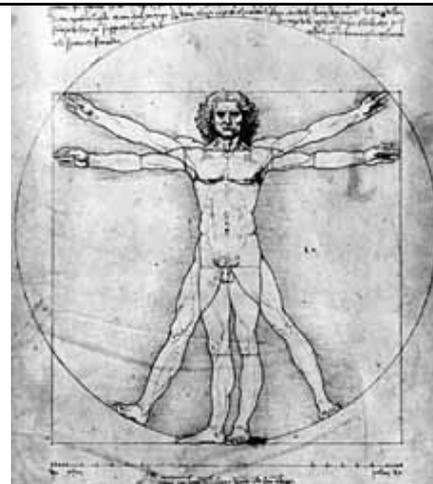
Investigador responsável – Maria Norberta Amorim, Coordenadora do NEPS

### RESUMO DO PROJECTO

Um pressuposto teórico que a investigação empírica vem pondo em causa é o da estabilidade das populações tradicionais. No Antigo Regime como no Período Contemporâneo, a Mobilidade pode afirmar-se como um importante fenómeno perturbador na evolução demográfica, social e cultural de pequenas e grandes comunidades. Impõe-se que a Demografia Histórica ultrapasse o nível de paróquias rurais, que avance de forma mais consequente para o estudo do mundo urbano, que aborde a interpenetração entre os dois espaços, tentando uma melhor compreensão dos crescimentos respectivos à luz de uma análise mais segura das Migrações de curta e longa distância, como dos fenómenos da Nupcialidade, Fecundidade e Mortalidade diferenciais. Impõe-se que a História Social e a História Cultural aprofundem o

seu objecto, encontrando novos e decisivos níveis de análise, ao confluir, com a Demografia Histórica, para a identificação dos residentes nas comunidades rurais e urbanas, acompanhamento dos percursos de vida e reprodução social pela via das genealogias. Nessa senda, o projecto em epígrafe procura:- Dar uma resposta moderna ao desafio de tratar documentação massiva, digitalizando a informação e organizando bases documentais anotadas a partir dos registos paroquiais de baptizados, casamentos e óbitos, abertas ao cruzamento com outras fontes nominativas, aplicando e valorizando o Sistema SEED, para Descoberta de Conhecimento em BDs, desenvolvido no âmbito do Projecto PRÁXIS XXI/2/2.1./CHS/685/95- Analisar em longa duração os fenómenos de Nupcialidade, Fecundidade (Nascimentos dentro e fora do casamento e crianças abandonadas) Mobilidade em zonas rurais e urbanas (pequena, média e grande dimensão), para estudar os comportamentos diferenciais que darão sentido à evolução da população portuguesa, alargando a análise à Biodemografia.

- Aprofundar o fenómeno da Mobilidade para o Brasil, através de fontes clássicas, portuguesas e brasileiras, e pelo estudo de comunidades brasileiras com idêntica metodologia.- Avançar para o aprofundamento da História da Família e sua reprodução social em espaços rurais e urbanos utilizando os recursos das BDs demográficas em cruzamento com fontes diversas de origem eclesiástica e civil.- Apostar numa renovação da História Social a partir das BDs demográficas, aprofundando as problemáticas das periodizações, observações transversais e observações em longa duração, das categorizações e (re)constituição do soci-



al.- Apostar numa nova visão da História Cultural em sentido lato, com novos campos de análise, na convergência com a Demografia Histórica.

Este projecto constitui o projecto base do NEPS (Núcleo de Estudos de População e Sociedade da Universidade do Minho) e envolve investigadores do Núcleo, e investigadores e de outros Centros. Assentando num longo investimento em Demografia Histórica da IR e na convergência interdisciplinar (de Informáticos, Demógrafos, Historiadores, Antropólogos, Geógrafos) em projectos anteriores, potencializa as BDs já disponíveis organizadas pela metodologia de reconstituição de paróquias e avança para a formação de novas BDs referidas a espaços urbanos (mantendo a dinâmica referente a zonas rurais), nomeadamente, Viana do Castelo, Barcelos, Fomalicão, Braga, Guimarães, Santarém, Lisboa, Angra do Heroísmo (continuação), Ponta Delgada e ainda a povoações da Íbero-América, seguindo os objectivos referidos.

### OBJECTIVOS DO PROJECTO

- Digitalização, estruturação e anotação dos registos paroquiais dos espaços já trabalhados pela metodologia de reconstituição de paróquias, revertendo as antigas BDs para o SEED (Sistema para Estudo da Evolução Demográfica), software desenvolvido em PRÁXIS XXI/2/2.1./CHS/685/95.

- Integração, pela mesma me-

## Contrato plurianual com a FCT Plano de actividades para 2001

metodologia, no caminho de um banco de dados central, de novas zonas rurais e investimento em zonas urbanas, (segundo interesses dos investigadores, autarquias e DRC dos Açores) avanço para outras zonas urbanas- Viana do Castelo, Barcelos, Famalicão, Lisboa anterior a 1755, Santarém e Ponta Delgada. Extensão ao Brasil e ao México para internacionalização da metodologia.

- Análise nas BDs da evolução e interacção dos comportamentos demográficos, investindo no estudo das transferências de população entre zonas rurais e urbanas e entre Portugal e as Américas.

- Avanço no campo da Biodemografia (concelho da Madalena-Pico).

- Busca de um novo nível de análise em História da Família, História Social e História Cultural, explorando as BDs de indivíduos, em cadeia genealógica, em cruzamento com outras fontes nominativas, tratadas por diferentes especialistas da análise histórica, por antropólogos e geógrafos.

Descrição do projecto – plano geral

Incluem-se cinco tarefas fundamentais, com algumas sub-tarefas. Uma primeira tarefa de desenvolvimentos informáticos, uma segunda de reconstituição de paróquias a partir dos registos de baptizados, casamentos e óbitos, uma terceira de levantamento e tratamento de outras fontes nominativas, uma quarta de levantamento de informação estatística e inquéritos, tendentes umas e outras ao enriquecimento das BDs e ao diálogo interdisciplinar para terminar num esforço de síntese por investigador e por equipas.

Desenvolvimentos informáticos – equipa do departamento de Informática da Universidade do Mi-

nho coordenada por Pedro Rangel Henriques

### DESIGNAÇÃO DAS TAREFAS

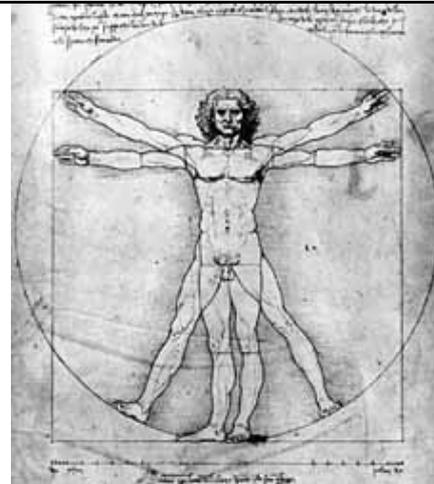
#### **1.Reconstituição de paróquias**

Investigadores intervenientes:

Maria Norberta Amorim, como investigadora e coordenadora, em estreita ligação com a equipa de informáticos coordenada por Pedro Rangel Henriques, em esforço conjunto de orientação e/ou apoio à formação avançada. Participam os mestrados, Helder Almeida, Paulo Oliveira Barros, Alice Maria Bonifácio, Luís Carvalho, João Carlos Castro, Maria Celeste Castro, Maria Isabel Correia, Alice Costa, Maria Venília Costa, Maria Luísa Gonçalves, Maria do Rosário Vieira, Matilde Salgado, Isabel Paulos, Maria Manuela Santos, Manuel Marinho, Manuel Pinho, Maria Elisabete Neves, João Carlos Castro, Paulo Lopes Matos, Moisés Soares, Maria Madalena Silva, Lúcia Oliveira, Maria Cláudia Monteiro, Cândido Juncal, Fernando Lacerda, Maria Glória Santos; os Mestres em projectos de formação pessoal: Inês Faria, José Faustino, Fernando Miranda, Palmira Gomes, Rosa Marques, Mário Coelho de Lima, Alberto Oliveira, João Antero Ferreira, Hermenegildo Almeida, Maria Manuela Ventura, Odete Leite, Susete Pires; os Mestres em fase de definição de projectos de doutoramento: Francisco Messias Ferreira, Aida Carvalho, Fábica Maria Raposo, Fernando Lacerda e Anabela Godinho; os doutorandos: Maria Hermínia Mesquita, Carlota Santos, Miguel Monteiro e Maria Hermínia Barbosa.

Resultados esperados:

Alargamento das BDs a novas zonas rurais e a zonas urbanas no caminho de uma BD central de interesse dos investigadores e acessível ao homem comum; internacionalização da metodologia, contribuição para a forma-



ção avançada a nível de mestrados e doutoramentos.

Distinguem-se nesta tarefa duas sub-tarefas:

1.1. Digitalização e anotação da informação dos registos de baptizados, casamentos e óbitos:

a) Como primeira etapa da reconstituição das novas paróquias a estudar;

b) Em paróquias já reconstituídas ou em vias de reconstituição com vista a prosseguir no caminho do aperfeiçoamento das BDs (uma BD deste tipo fica aberta a aperfeiçoamento contínuo) e divulgação a esse nível (se entendida conveniente) a um público mais vasto, via internet.

1.2. Implementação do SEED (Sistema para Descoberta de Conhecimento em BDs, desenvolvido no âmbito do Projecto PRÁXIS XXI/2/2.1/CHS/685/95)

a) Nas novas paróquias a estudar

b) Integração no sistema das antigas BDs no caminho de uma BD central.

Recursos decorrentes dos protocolos com instituições participantes:

Direcção Regional da Cultura dos Açores – um técnico superior

Câmara Municipal de Famalicão – um técnico superior e um terefeiro

Gabinete de Estudos Olissiponenses – Dois técnicos superiores

Recursos humanos pretendidos: cinco bolsheiros de introdução à investigação científica para apoio ao trabalho de formação de

## Contrato plurianual com a FCT Plano de actividades para 2001

BDs.

Aquisição de serviços e manutenção: um operador de informática para digitalização da informação paroquial e dois tarefas para introdução de dados no computador

Consultor – Manuel Ardit (Universidade de Valencia)

Outras despesas correntes:

Despesas de micro-filmagem / reprodução de micro-filmes de registos paroquiais, alimentação dos leitores/reprodutores de micro-filmes, consumíveis em papel e suportes informáticos.

### 2. Levantamento e tratamento de outras fontes nominativas

Investigadores intervenientes:

O levantamento e tratamento de outras fontes nominativas para cruzamento com as BDs demográficas é tarefa tanto dos historiadores demógrafos, como dos investigadores de outras ciências sociais ligados ao Projecto.

Grande parte dos projectos académicos de mestrado de investigadores do Projecto tem como objectivo a análise demográfica, a partir da reconstituição de paróquias rurais, em cruzamento com outras fontes eventualmente disponíveis, como róis de confessados. Fontes mais específicas como testamentos, inventários orfanológicos, listas fiscais, recenseamentos eleitorais, livros de visitas e devassas, processos da Inquisição, estatísticas de produções e consumos, listas de sindicatos, nomeações de professores, entre outras, são abordadas em alguns casos por mestrados no sentido de análises culturais (Casos de Odete Paiva, Maria Glória Santos, Maria Celeste Castro, Fábila Raposo, Mário Lima, Alberto Oliveira, João Antero Ferreira, Maria Manuela Ventura, Maria Luísa Gonçalves, Matilde Machado, Manuel Pinho,

Maria Madalena Silva, Alice Bonifácio, Aida Carvalho, Fernando Lacerda, Manuel Jorge Inácio, Maria João Martins, Miguel Martins, Maria Elisabete Pinto, Carlos Prada de Oliveira, Maria da Conceição Salgado, Ramiro Romão, António Tavares, Manuel Alexandre Solla, Artur Madeira).

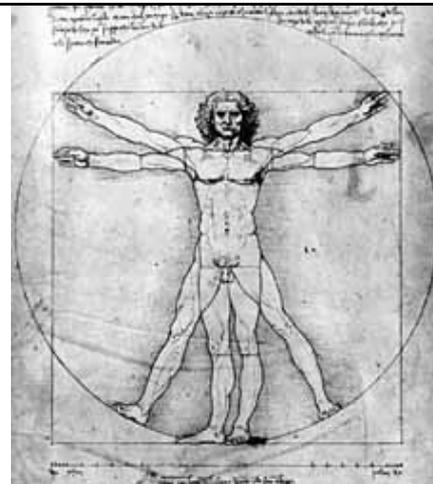
No entanto, são os planos de formação pessoal dos mestres e os planos de doutoramento que abordam essencialmente os espaços urbanos ou levam mais longe o levantamento, tratamento e cruzamento de fontes diversas no sentido do aprofundamento de problemáticas mais definidas, a cobrir temas da Demografia Histórica, Biodemografia, História da Família, História Social e de História Cultural (Sérgio Luíz Ferreira, Manuel Artur Norton, Mário Lames, Maria Hermínia Barbosa, Carlota Santos, Miguel Monteiro, Fernando Miranda, Palmira Gomes, António Amaro das Neves, Rui Maia, Maria Hermínia Mesquita, Francisco Messias, José Faustino, Otília Lage, José Damião Rodrigues, Alberto Correia, Margarida Durães).

Investigadores doutorados isolados ou em equipa, independentemente de corresponderem aos desafios da própria dinâmica do Projecto, intervêm nesta tarefa: Maria Norberta Amorim, Justino Magalhães, Maria Augusta Lima, Gilberta Rocha, Avelino de Freitas de Meneses, José Guilherme de Reis Leite, Maria de Fátima Sequeira Dias e João Cosme.

Além dos investigadores identificados, a equipa de formadores dos mestrados e doutorandos alarga-se a António Franquelim Neiva Soares, Luís Polanah, Rosa Fernanda Moreira da Silva, Elvira Mea, Jorge Fernandes Alves, Augusto Abade, Magda Pinheiro.

### RESULTADOS ESPERADOS

Enriquecimento das BDs demo-



gráficas por cruzamento com outras fontes nominativas como base para aprofundamento da História das Populações, das Mobilidades geográfica e social e das dinâmicas culturais em longa duração, a partir de sub-tarefas específicas com resultados expressos nas próprias BDs e em publicações.

Sub-tarefas com intervenção de doutorados ou investigadores em fase de conclusão de doutoramento:

2.1. A investigadora responsável projecta o levantamento das fontes nominativas disponíveis nos cartórios paroquiais, nos arquivos concelhios e distritais referentes à freguesia de Ribeiras, Lages do Pico (em equipa com Justino Magalhães), da própria vila das Lages, que lhe fica contígua, e ao Couto do Mosteiro, Santa Comba Dão (em equipa com Alberto Correia), perseguindo os objectivos globais do projecto.

2.2. Odete Paiva e José Manuel Lages em a componente portuguesa do sub-projecto *As duas faces da Emigração para o Brasil: os Bem Sucedidos e os Outros*, liderado pela investigadora brasileira do NEPS, Ana Sílvia Scott, incidirão a sua análise sobre um espaço geográfico de partida e outro de destino. Será localizada, levantada, normalizada e sistematizada a informação pertinente e referente aos emigrantes portugueses originários do concelho de Vila Nova de Fa-

## Contrato plurianual com a FCT Plano de actividades para 2001

malicção. Na vertente brasileira tratar-se-ão os imigrantes portugueses desembarcados e acolhidos na Hospedaria dos Imigrantes em S. Paulo (Núcleos Coloniais/1827-1910). Ainda em S. Paulo será tratada a documentação pertinente da Inspectoria de Imigração no Porto de Santos (1907-1976) e outra documentação do Museu da Imigração e no Arquivo Público do Estado de S. Paulo (as sub-tarefas de fontes brasileiras não são contabilizadas neste Projecto).

2.3. No quadro específico das mobilidades nos espaços ultramarinos, Maria Augusta Lima Cruz pretende estudar o processo que, na sequência do abandono da praça de Mazagão (actual El Jadida) em 1769, levou à evacuação dos habitantes desta localidade marroquina e a sua transferência forçada para a Amazónia, onde fundaram Vila Nova de Mazagão (1771). Cruzando fontes sobre esta emigração forçada, de que se destacam as listas nominais dos evacuados, com a documentação sobre a da política pombalina de criação de novas populações no norte amazónico e sobre o processo de fixação em novas terras dos colonos de origem marroquina, procurará reconstituir percursos individuais, familiares e colectivos e analisar a evolução/mutação dos comportamentos no âmbito da mobilidade entre espaços coloniais e modelos de expansão ultramarina diferenciados.

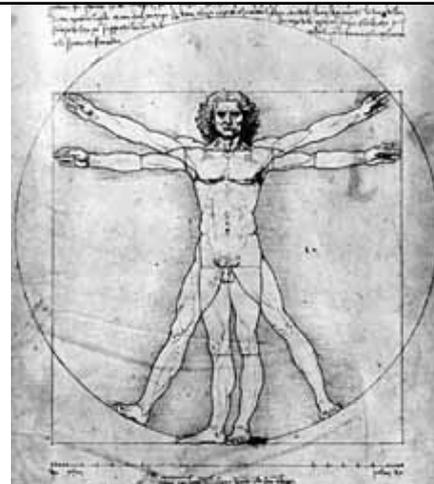
2.4. Gilberta Rocha, Avelino de Freitas Menezes e Artur Madeira, pretendem estudar os fluxos migratórios, relacionando-os com as conjunturas políticas e económicas relativamente a Ponta Delgada. Numa ligação muito estrita com as BDs demográficas, proceder-se-á ao cruzamento com outras fontes nominativas – róis de confessados e registos de passaporte.

2.5. Para Ponta Delgada, serão trabalhados róis de confessados, genealogias locais e fontes monásticas, notariais (livros de notas, testamentos), judiciais e camarárias por José Damião Rodrigues, pretendendo apreender a configuração dominante da família urbana nos Açores nos séculos XVI a XVIII e qual o conjunto de modelos familiares que coexistem nesse período. De igual modo, é objectivo deste estudo perceber quais as linhas de força da transmissão patrimonial em estreita articulação com a organização familiar e as estratégias sucessórias e qual a conexão com as relações de parentesco e a estrutura social.

No sentido de aprofundar as crises da evolução em longa duração registadas no seio dos grupos domésticos rurais, Margarida Durães pretende analisar fontes relativas a empréstimos de dinheiro, gado a ganho, fluxos comerciais nas regiões fronteiriças, mercado fundiário, heranças, mercados matrimoniais e emigração, incidindo sobre uma família instalada no lugar de Moinhos, concelho de Melgaço, em 1837. As outras fontes históricas pertinentes passam por escrituras notariais, registos fiscais, livros de ordenança, listas eleitorais, listas das côngruas, matriz e registo predial, inventário orfanológico, testamentos, escrituras de partilha, passaportes, correspondência particular, livros de razão e contabilidade.

2.6. Em relação à cidade de Angra, José Guilherme Reis Leite tratará as fontes nominativas do Arquivo local tendentes a análises socio-culturais e de poder para o século XVIII, em cruzamento com as BDs demográficas.

2.7. Maria de Fátima Sequeira Dias, incidirá sobre o levantamento sistemático dos registos notariais da comarca de Ponta Delgada, entre 1800 e o advento da



República (cerca de meia centena de notários e quase um milhar de livros), permitindo preservar o espólio arquivístico, porquanto a elaboração de uma base de dados de notários, localidades, nomes, datas e de assuntos permitirá a sua consulta aos investigadores, dispensando, doravante, o recurso directo à fonte primária. Além dos registos notariais tratará complementarmente inventários orfanológicos relativos às famílias terratenentes, aos estrangeiros e à burguesia emergente – grupos privilegiados no estudo das elites que se pretende realizar.

2.8. João Cosme, em relação a Lisboa pré-pombalina, levantará a informação da Torre do Tombo relativa à Inquisição, livros de autos de fé, correspondência de culpados, livros de denúncias, livros do Promotor, habilitações, processos, reservados, visitas, em articulação com as BDs demográficas e ligação com Maria Elvira Mea.

### **3. Levantamento de informação estatística e inquéritos**

O levantamento de informação estatística percorre, em complementaridade, os projectos pessoais dos investigadores que se debruçam sobre problemáticas dos finais do Antigo Regime e período contemporâneo. Do mesmo modo, o recurso à história oral impõe-se no aprofundamento da problemática da transição demográfica comparada, no aprofundamento de fenómenos de mobi-

## Contrato plurianual com a FCT Plano de actividades para 2001

lidade, como nas abordagens sócio-culturais para o século XX.

Distinguímos quatro investigadores que se debruçam exclusivamente sobre o século XX, usando fontes e metodologias mais específicas, da Geografia, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social: Paula Cristina Remoaldo, Elza Carvalho, Otilia Lage e Antonieta Costa.

### RESULTADOS ESPERADOS

Aprofundamento micro-analítico de ritmos evolutivos da Demografia, da Sociedade e da Cultura do século XX pela conexão entre o trabalho dos investigadores desta tarefa e o trabalho dos historiadores que analisam os séculos precedentes.

Nesta tarefa distinguímos quatro sub-tarefas:

No sentido do aprofundamento da problemática da evolução da fecundidade e da mortalidade infantil do século XX, em seguimento às análises de séculos anteriores, Paula Cristina Remoaldo, com metodologias de geógrafa, tratará as publicações pertinentes do Instituto Nacional de Estatística, realizará inquéritos por entrevista a mulheres em paróquias reconstituídas pela IR (freguesias da ilha do Pico – Ribeiras e Lages; freguesias do concelho de Santa Comba Dão – Couto do Mosteiro e S. Joaninho e zona urbana de Guimarães).

Elza Carvalho, com metodologias de geógrafa, tratará as *Dinâmicas Agrárias e Migratórias em Territórios de Fronteira: o vale do Lima*, envolvendo inquéritos casa a casa em paróquias portuguesas e espanholas.

Otilia Lage, recorrendo a recursos da História, Antropologia e Sociologia abordará mobilidade social e actores de fronteira: espaços urbanos e (re)construção de ruralidade (histórias de vida e trajectórias), com cruzamento de fontes escritas e trabalho no ter-

reno (entrevistas e observação participante).

Antonieta Costa, com recursos de Psicologia Social, aplicar-se-á sobre a paróquia das Ribeiras do Pico (reconstituída pela IR e por Manuel Cardoso), onde a interacção social entre os membros da comunidade foi, hipoteticamente simétrica, no estabelecimento, continuidade e mudança das normas sociais. Possivelmente devido ao isolamento do lugar, a população foi (aparentemente), levada a criar uma comunidade onde a igualdade de direitos e deveres funcionou eficientemente durante centúrias. Testará a validade da hipótese para definir nova linha de investigação.

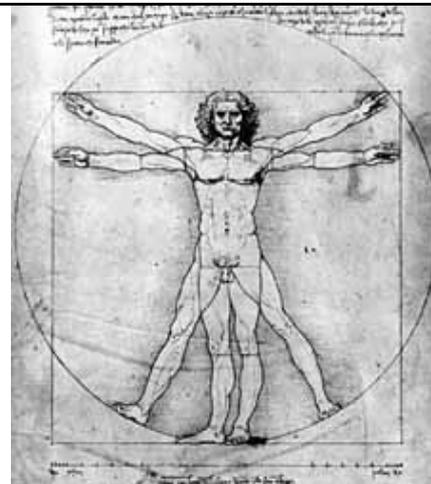
#### **4. Esforço de síntese**

Um esforço de síntese decorrerá do diálogo interdisciplinar e do cruzamento de fontes. A par de estudos específicos sobre as BDs no âmbito da especialização dos membros da equipa, em informática, Demografia Histórica, demografia Contemporânea, Biodemografia, História da Família, História Social ou História Cultural, o esforço de síntese desenvolver-se-á em vertentes fundamentais:

- Esforço para tornar amigáveis e operativos os desenvolvimentos informáticos à comunidade de cientistas sociais;

- Desenvolvimento de um novo modelo de estudo de comunidade com base na Demografia Histórica (comunidades rurais, em seguimento e aprofundamento da proposta anteriormente expressa em *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, NEPS/ICS, 1999, da autoria da IR e de Alberto Correia.

- Análises comparativas da evolução multissecular de comportamentos demográficos e sócio-culturais, rurais e urbanos,



com investimento particular no estudo da Mobilidade geográfica e social (migrações de curta e média distância, Emigração e Retorno, reprodução social e oportunidades de mudança por acesso à riqueza e/ou bens culturais).

**CONSULTORES** – Professores António José Fernandes (Universidade do Porto); António de Oliveira (Universidade de Coimbra); David Reher e Vicente Pérez Moreda (Universidade Complutense de Madrid), José Manuel Pérez Garcia (Universidade de Vigo); Maria Luíza Marcílio (Universidade de S. Paulo/Brasil).

**NOTA:** O financiamento reduzido atribuído pelo programa SAPIENS'99 dificulta a concretização de todos os objectivos propostos. Foi necessário optar pelos recursos humanos em detrimento de equipamentos e de missões.

### B - PROJECTOS DE ENSINO

Os novos cursos de Mestrado e Especialização em Património e Turismo, a funcionar no pólo de Guimarães sob a direcção científica da Coordenadora do NEPS, envolvem 38 alunos. O acolhimento que os profissionais do sector, as autarquias e outras instituições de desenvolvimento regional têm manifestado por estes projectos de ensino parece abrir novas perspectivas ao Núcleo, podendo vir a ser desenvolvida uma linha de acção nesse enquadramento científico.

**Dissertação de Mestrado****“Dois Séculos de Mortalidade na Póvoa de Varzim”**

No passado dia 7 de Julho, na sala de actos do pólo de Azurém da Universidade do Minho, reuniu o júri para apreciar a dissertação apresentada pelo Licenciado Manuel Fernandes Soares Pinto, intitulada “Dois Séculos de Mortalidade na Póvoa do Varzim 1540-1800”.

Estiveram presentes o Doutor José Viriato Eiras Capela, Professor Catedrático do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Doutor João Francisco Marques, Professor Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutora Maria Norberta de Simas Bettencout Amorim, Professora Catedrática do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Doutora Maria Apolónia da Silva, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutora Margarida Pereira Varela Santos Montenegro Durães, Professora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Aberta a sessão sob a presidência do Doutor José Viriato Eiras Ca-

pela e depois de verificado por parte do júri que o candidato presente obtivera já a aprovação em todas as disciplinas curriculares do plano de estudos do Curso, procedeu-se à discussão em prova pública da dissertação de Mestrado, tendo sido arguente principal a Doutora Amélia Maria Polónia da Silva.

Concluída a discussão, o Júri reuniu para apreciação da prova e classificação do candidato.

Tomando em consideração os resultados obtidos pelo candidato nas disciplinas do plano de estudo do Curso, as provas durante a discussão da dissertação e o parecer elaborado pelo arguente, o Júri deliberou por unanimidade considerar o candidato Aprovado com a classificação de MUITO BOM. •

•••••

**Novo livro****A Comunidade Cristã-Nova de Vila Nova de Foz Côa**

A Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa acaba de publicar a tese de dissertação de mestrado em História das Populações apresentada por Aida Maria Oliveira Carvalho e intitulada «A Comunidade Cristã-Nova de Vila Nova de

Foz Côa - Rupturas e continuidades (Séculos XVII e XVIII)». Trata-se de uma pesquisa científica que privilegia a análise e a reconstituição da paróquia de Vila Nova de Foz Côa, o enquadramento da comunidade judaizante no contexto local e regional, assim como as redes de sociabilidade com as comunidades cristãs-novas vizinhas.

A investigação desenvolvida, de acordo com Elvira Mea, orientadora científica da autora, permitiu constatar que a “tradição de Foz Côa como terra de judeus é relativamente recente, visto que, e isto é sabido, não só nunca lá existiu uma comuna judaica, como a própria comunidade cristã-nova emerge só em pleno século XVII”. No seu entender, “foi certamente a crescente repressão inquisitorial ao longo dos séculos XVI e XVII a mola que desencadeou a dispersão dos cristãos-novos pelo interior profundo do país, aqueles que não tiveram capacidade económica ou audácia suficiente para emigrar”. “Os cristãos-novos fozcoenses, tal como acontecia noutras localidades, tenderam a habitar próximos uns dos outros, o que em Foz Côa se verificou junto da Praça principal, junto da Igreja Matriz e nas ruas do Relógio, Barca e no sítio da Lameira, embora lá também morassem cristãos-velhos, como se vê por algumas denúncias”. •

**Plano de actividades para 2001****C - PROTOCOLOS**

- Continuação da elaboração de bases de dados demográficos e sociais sobre as paróquias dos concelhos das Lages e da Madalena da Ilha do Pico, no âmbito do protocolo de cooperação com a Direcção Regional da Cultura dos Açores.

- Continuação da elaboração de uma base de dados demográficos e sociais do concelho de Lisboa, no âmbito do protocolo de cooperação, estabelecido com o pelouro da cultura da Câmara Municipal de Lisboa, através do Gabinete de Estudos Olissiponenses.

- Continuação da elaboração de uma base de dados demográficos e sociais do concelho de Vila Nova de Famalicão, no âmbito do protocolo de cooperação com a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

- Criação de uma base de da-

dos genealógica das paróquias da zona urbana de Guimarães (Nossa Senhora da Oliveira, S. Miguel do Castelo, S. paio, S. Sebastião, Azurém, Creixomil, Mesão Frio, Costa, Urgeses e Fermentões) até ao mês de Outubro, com o apoio da Câmara Municipal de Guimarães, para apresentação oficial do III Congresso de Histórico de Guimarães.

**D - INICIATIVAS DE CARÁCTER CIENTÍFICO**

- III Congresso Histórico de Guimarães

O Núcleo de Estudos de População e Sociedade em parceria com a Câmara Municipal de Guimarães vai organizar o **III Congresso Histórico de Guimarães**, com o tema **D. Manuel I e a sua época**. Esta iniciativa visa aprofundar o conhecimento histórico de Portugal dos séculos XV e XVI na perspectiva do seu espaço europeu (considera-

ram-se os recentes investimentos sobre a expansão portuguesa). Pretende-se ainda estimular a convergência da investigação de medievalistas e modernista em clássicas abordagens históricas, sobre um período com tendência a aparecer como franja de conhecimento para uns e para outros.

O **III Congresso Histórico de Guimarães**, irá ocorrer entre 24 e 27 de Outubro deste ano de 2001, respeitando um voto do II Congresso – a periodicidade quinzenal dos Congressos Históricos de Guimarães.

- Organização do VI Congresso da Associação de Demografia Histórica

A Coordenadora do NEPS é membro da Direcção da Associação de Demografia Histórica (ADEH), estando a participar activamente na organização do VI Congresso da ADEH, a realizar entre 18 e 20 de Abril de 2001, em Castelo Branco. •

## Lançada nova Monografia do NEPS

### “S. Martinho de Avidos - Comunidade Rural do Vale do Ave: Demografia e Sociedade (1599-1995)”, de Odete Paiva

Realizou-se no dia 9 de Julho, o lançamento de mais um volume das Monografias do NEPS. Trata-se de um trabalho da investigadora Odete Paiva, intitulado “S. Martinho de Avidos: Comunidade Rural do Vale do Ave - Demografia e Sociedade (1599-1995)”. A cerimónia de apresentação da obra decorreu no salão nobre da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, integrando as comemorações do 16º aniversário de elevação de Vila Nova de Famalicão à categoria de Cidade. O evento foi dirigido pelo Presidente da Câmara, Agostinho Fernandes. Em representação do NEPS, a introdução ao trabalho e ao autor foi feita por Carlota Santos, Mestre em História da Colonização e Emigrações Portugal-Brasil.

Neste trabalho, Odete Paiva recorreu ao método de reconstituição de paróquias da autoria de Norberta Amorim e utilizou como fontes os registos dos actos vitais (nascimentos, casamentos e óbitos), numa base sempre aberta a outras fontes.

Através do conhecimento das variáveis demográficas e da interconexão das mesmas, por cruzamento com outras fontes quer eclesiais, quer civis, a autora conseguiu a caracterização demográfica e social da paróquia, numa análise microanalítica em longa duração (1599-1995), utilizando procedimentos de matriz quantitativa e qualitativa.

Verificou para o Antigo Regime Demográfico, uma alta idade ao primeiro casamento para ambos os sexos, e um elevado celibato definitivo marcadamente feminino, comportamentos esses que se foram esbatendo à medida que se caminhava no tempo. Até aos anos trinta do século XX,

na maioria das uniões registadas pela Igreja, os noivos ou são da mesma idade ou ele é mais velho. Depois dessa data, o grosso dos casamentos é entre indivíduos da mesma idade. Poucos são os recasamentos, e quando estes se verificam são os viúvos a levar a palma às viúvas, num mercado matrimonial deficitário para o sexo feminino.

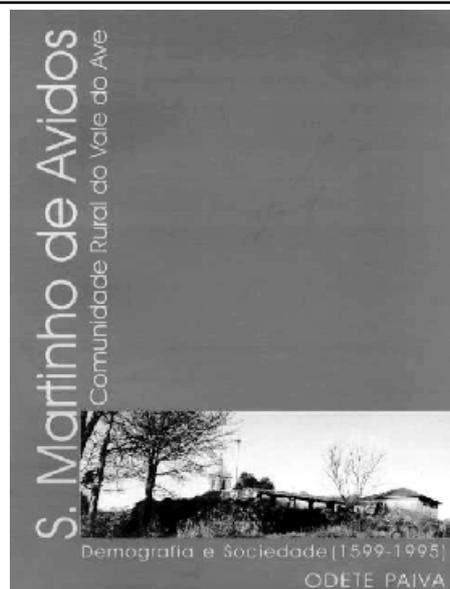
Para além da nupcialidade, Avidos teve na fecundidade outro elemento equilibrador entre recursos e população. O número de filhos por família fecunda, para o período pré-malthusiano foi de cinco, enquadrando-se na matriz das sociedades pré-industriais, com uma descida do número de filhos para o período em que contamos com os efeitos do *birth control*, que autora identificou andar nesta comunidade por volta dos anos trinta.

As concepções pré-nupciais ocorreram com maior significância no século XIX e XX, e se algumas destas relações fora do matrimónio tiveram como epílogo o casamento, muitas deram origem a famílias monoparentais.

Um pequeno número de crianças baptizadas em Avidos foi exposto na freguesia. Segundo Odete Paiva, muitas destas crianças abandonadas o terão sido na Roda, nomeadamente, de Santo Adrião - Vila Nova de Famalicão.

A Igreja através das devassas foi introduzido elementos que procuraram dissuadir os cristãos de comportamentos irregulares, nem sempre o conseguindo, mormente, no que respeita às transgressões da moral sexual, fruto de uma estrutura social em que a família ideal nem sempre era possível.

Comunidade em que a posse da terra era até tempos bem pró-



ximos sinal de diferenciação social, e em que esta estava desigualmente distribuída, com um pequeno número de possidentes, a emigração constituiu-se como elemento equilibrador para a colmeia humana do Minho, verificando-se que em Avidos foram os filhos dos menos abastados a deixar em maior número a sua terra, (embora só conta-se para este estudo com a emigração legal através dos passaportes).

A morte foi relativamente suave para os Avidenses, havendo, contudo, médias e pequenas crises de mortalidade, com uma sazonalidade ao óbito que dependia da idade e do tempo. A mortalidade infantil registou-se primordialmente até à primeira década do século XX nos meses mais frios, posto que incidisse no período mais próximo (1911-1995), nos meses de Verão. Quanto aos menores de sete anos, no primeiro período, é esta última estação a mostrar-se mais inclemente, e nos anos subsequentes o frio é mais gravoso.

Os maiores de sete anos, com um período de estudo mais alargado no que concerne à sazonalidade da morte, revelam maior tendência para morrer até aos primeiros dez anos do século XX, na segunda metade do ano. Para o restante período, morre-se mais além dos meses de temperaturas mais agrestes, também em Abril e Julho. •

**ficha de inscrição****neps****IDENTIFICAÇÃO**

Nome		Data de Nascimento / /	
Endereço			
Telefone	Fax	E-mail	
Naturalidade			
BI n.º	Data / /	Arquivo	N.º Contribuinte

**HABILITAÇÕES ACADÉMICAS**

Doutor	Doutorando	Mestre	Mestrando	Licenciado	Estudante
--------	------------	--------	-----------	------------	-----------

Cursos [indicar instituições e anos de conclusão]

**ACTIVIDADE PROFISSIONAL**

Profissão	
Instituição	
Endereço	
Telefone	Fax
E-mail	

**INTERESSES DE INVESTIGAÇÃO**

Fontes	Análise demográfica	Reconstituição de Paróquias
Registos paroquiais ou de estado civil	Outra documentação paroquial	Documentação fiscal
Passaportes	Dotes	Testamentos
Doações	Outra documentação notarial	Cruzamento de fontes diversas
Migrações	História da família	Genealogias
História da criança abandonada	Análise social	História da alfabetização

Outros

Data \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

/ /

**Depois de preenchida, esta ficha deverá ser remetida ao Neps, com uma cópia do currículo do investigador.****ficha de actualização bibliográfica****neps**

Autor:			
Título:			
Publicado	Policopiado	Inédito	
Artigo	Livro	Trabalho académico	
Editor		Ano de edição	
Local de edição		N.º de páginas	
Revista	N.º/ano	Páginas /	
Se se tratar de uma comunicação apresentada em encontro científico, indique a identificação completa do evento (título/temática/secção onde o trabalho foi apresentado; entidade organizadora; local e data de realização):			
Resumo			

Para que o possa divulgar, o Núcleo de Estudos de População e Sociedade necessita de manter actualizada o seu ficheiro bibliográfico com as produções dos seus membros. Para tanto, agradecemos que esta ficha seja preenchida e remetida para o NEPS sempre que produza ou publique um novo trabalho, fazendo-a acompanhar, sempre que possível, por uma cópia do mesmo.

**AMORIM, Maria Norberta e CORREIA, Alberto**, *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 800\$00]

**BARBOSA, Maria Hermínia Vieira** (com a colaboração de **Anabela de Deus Godinho**), *Crises de mortalidade em Portugal, desde meados do século XVI até ao início do século XX*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[1 250\$00]

**CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues de**, *Basto (St.ª Tecla) - Uma Leitura Geográfica (do século XVI à contemporaneidade)*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 800\$00]

**FARIA, Inês Martins de**, *Santo André de Barcelinhos. O difícil equilíbrio de uma população – 1606-1910*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1998.

[3 000\$00]

**GOMES, Maria Palmira Silva**, *Estudo Demográfico de Cortegaça – Ovar (1583-1975)*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1998.

[3 000\$00]

**NEVES, António Amaro das**, *Filhos das Ervas - A ilegitimidade no Norte de Guimarães, séculos XVI-XVIII*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 2001.

[3 000\$00]

**MACIEL, Maria de Jesus**, *Imagens de Mulheres*, Câmara Municipal de Lajes do Pico/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[1 800\$00]

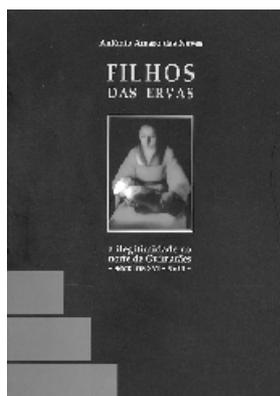
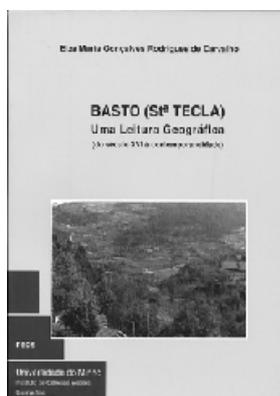
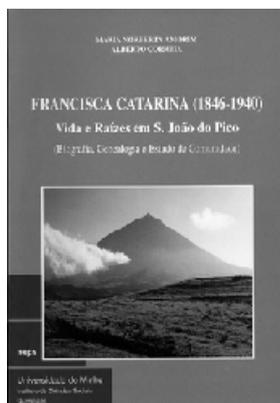
**SANTOS, Carlota Maria Fernandes dos**, *Santiago de Romarições, comunidade rural do Alto Minho: Sociedade e Demografia (1640-1872)*, Câmara Municipal de Paredes de Coura - Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 000\$00]

**SCOTT, Ana Sílvia Volpi**, *Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (Séculos XVII e XIX)*, Neps/ICS – Universidade do Minho, Guimarães, 1999.

[3 800\$00]

Aos membros do Neps é concedido um desconto de 20% sobre o preço de capa. Os pedidos (acompanhados de cheque correspondente ao valor dos livros solicitados) devem ser encaminhados para a Secretaria do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (Campus de Azurém da Universidade do Minho).



## Boletim Informativo nº 20 n Julho de 2001

PUBLICAÇÃO DO:  
**NÚCLEO DE ESTUDOS  
DE POPULAÇÃO E SOCIEDADE**  
Instituto de Ciências Sociais  
Universidade do Minho  
Pólo de Azurém  
Guimarães

DIRECTORA:

**Maria Norberta Amorim**

EDITOR:

**António Amaro das Neves**

COORDENAÇÃO DA REDACÇÃO:

**Elisabete Pinto**

COLABORADORES DESTE NÚMERO:

**José Manuel Lages,**

**Maria Norberta Amorim,**

**Elisabete Pinto, Luís Polanah**

**António Amaro das Neves**

SECRETARIADO:

**Isabel Salgado, Daniel Freitas,**

**Fátima Dias, Natália Silva, Sónia**

**Fernandes, Vítor Oliveira**

DEPÓSITO LEGAL

n.º 125306/98

♦ Núcleo de Estudos  
de População e Sociedade

Universidade do Minho,

Pólo de Azurém

4800-058 Guimarães

♦ Telefone/Fax:

**253510187**

♦ e-mail:

**neps@eng.uminho.pt**

♦ Mailling list:

•endereço:

**neps\_uminho@egroups.com**

•subscrição:

**neps-uminho-subscribe@egroups.com**

♦ URL:

**http://sarmiento.eng.uminho.pt/~neps**

O Boletim Informativo do NEPS é uma publicação bimestral dedicada à divulgação das actividades do Núcleo de Estudos de População e Sociedade e dos trabalhos relacionados com Demografia Histórica e História das Populações. Agradece-se toda a colaboração que nos seja enviada, a qual será submetida à apreciação dos editores. Solicita-se o envio de notícias acerca de eventos, publicações e investigações nas áreas de Demografia Histórica e afins.

Os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.